

INSTITUTO ESTUDOS ACADÉMICOS ADRIANO MOREIRA

CICLO DE CONFERÊNCIAS

**CALOUSTE GULBENKIAN.
TRIBUTO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
POR OCASIÃO DO 150.º ANIVERSÁRIO
DO SEU NASCIMENTO**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

CALOUSTE GULBENKIAN. TRIBUTU DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
POR OCASIÃO DO 150.º ANIVERSÁRIO DO SEU NASCIMENTO

AUTORES

EMÍLIO RUI VILAR, ADRIANO MOREIRA,
JOÃO CARAÇA, EDUARDO MARÇAL GRILO, CRISTINA CASTEL-BRANCO

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO

INÊS GARCEZ
DIANA SARAIVA DE CARVALHO

ISBN

978-972-623-378-7

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa

R. Academia das Ciências, 19

1249-122 LISBOA

Telefone: 213219730

Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt

Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2020
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

Índice

<i>CALOUSTE GULBENKIAN, CIDADÃO DO MUNDO E FILANTROPO</i> Emílio Rui Vilar	4
<i>MEMÓRIA DE AZEREDO PERDIGÃO</i> Adriano Moreira	41
<i>A CONTRIBUIÇÃO DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN PARA A CIÊNCIA EM PORTUGAL</i> João Caraça.....	51
<i>O PAPEL DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN NO SECTOR DA EDUCAÇÃO</i> Eduardo Marçal Grilo	55
<i>O SONHO GULBENKIAN DE UM JARDIN À MA FAÇON; ENTRE LISBOA E DEAUVILLE</i> Cristina Castel-Branco.....	58

**CALOUSTE GULBENKIAN,
CIDADÃO DO MUNDO E FILANTROPO
Emílio Rui Vilar**

Para um *trustee* da Fundação Calouste Gulbenkian é um privilégio evocar o Fundador nesta Academia, o que agradeço sensibilizado em nome da Fundação e no meu próprio. Tenho a ousadia de pensar que, se tivéssemos a máquina do tempo, os pais fundadores da Academia, o Abade Correia da Serra e o Duque de Lafões, acolheriam de bom grado Calouste Gulbenkian, um viajante e estrangeirado como eles. Tal como a divisa da Academia “Vã é a glória se for inútil o que fizermos” não deixaria indiferente o incansável homem de acção, focado nos seus objectivos, que foi Calouste Gulbenkian.

Depois da sua morte, em Lisboa, na carteira onde guardava os documentos pessoais foram encontrados dois bilhetes dactilografados. Um em francês com uma frase de Séneca:

VIVEZ CHAQUE JOUR COMME SI CE JOUR
REPRESENTAIT LES LIMITES DE VOTRE VIE ET
RENDEZ-LE AUSSI AGREABLE QUE POSSIBLE PARCE
QU'IL CONTIENT LA SEULE REALITE DONT VOUS
DISPOSEZ . (Sénèque)

“Vivei cada dia como se esse dia representasse os limites da vossa vida e tornei-o tão agradável quanto possível, porque ele contém a única realidade de que dispodes”.

Outro, em inglês, atribuído a Henry Ford:

HENRY FORD has his formula for success
pat and slick on his tongue :

" Do your own work, mind your own busi-
" ness, and don't engage in controversy -
" that's the way to get along. And, above
" all else, keep away from lawyers, they're
" bound to get you into trouble.

“Henry Ford tem, na ponta da língua, a fórmula para se ser bem-sucedido: “Faz o teu próprio trabalho, cuida dos teus próprios assuntos e não te envolvas em conflitos – é a melhor forma de te dares bem. E, acima de tudo, afasta-te dos advogados, é provável que te metam em sarilhos.”

Aparentemente sem importância, estes papelinhos deixam-nos entrever a cultura e a atitude, o modo de estar e de agir de Calouste Gulbenkian.

O que me proponho é tentar contribuir para a descoberta, dessa personalidade de múltiplas dimensões, multifacetada e controversa, de alguém obstinadamente discreto e, também por isso, fonte de mitos e lendas mas absolutamente fascinante.

Várias iniciativas recentes a propósito das celebrações dos 150 anos do nascimento de Calouste Gulbenkian – uma biografia académica, uma exposição, a publicação da correspondência com o único neto – vieram lançar novos dados sobre muitos aspectos da vida, da intervenção, da postura e dos valores que nortearam Calouste Gulbenkian. Mas também para, nalguns aspectos, aumentar a controvérsia.

Penso que devemos interpretá-las como “*work in progress*” e como um desafio para novas investigações. Para melhor contextualizar e cruzar os dados disponíveis com as diferentes perspectivas históricas na política, na economia, na evolução social, nas ideias e na organização da ordem internacional num arco de tempo tão vasto e de tão profundas alterações como o que vai do seu nascimento, em 1869, nas vésperas da guerra franco-prussiana, até à sua morte, em 1955, o ano da assinatura do Pacto de Varsóvia, em plena Guerra Fria.



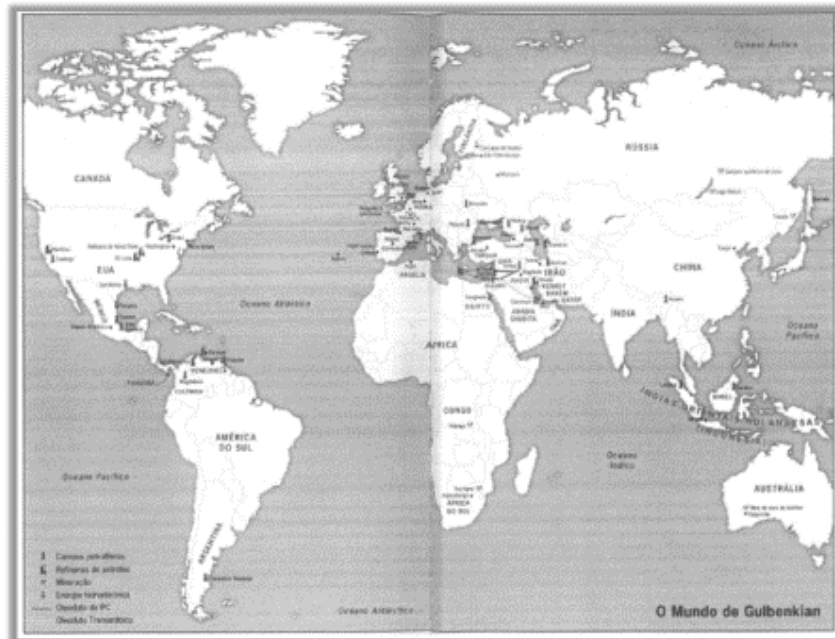
Porque nem sempre seguirei um percurso cronológico, aqui ficam algumas balizas:

1869 – Nasce Calouste Gulbenkian em Scutari (hoje Üsküdar, na margem asiática de Istambul);
1883 – Estuda na École de Commerce, em Marselha;
1884 – É admitido na King's College School, em Londres;
1887 – Torna-se "associate" do Departamento de Ciências Aplicadas do King's College;
1889 – Viagem a Baku;
1892 – Casa com Nevarte Essayan, em Londres;
1896 – Deixa Istambul, foge para o Egipto e instala-se em Londres (1897);
1902 – Adquire a nacionalidade britânica;
1906 – Arrenda casa em Paris;
1922 – Passa a viver permanentemente em Paris e adquire o hôtel particulier da Avenue d'Iéna;
1940 – Muda-se para Vichy;
1942 – Viaja para Lisboa e instala-se no Hotel Aviz;
1953 - Faz o último testamento;
1955 – Morre em Lisboa, a 20 de Julho.



I

O Mundo de Calouste Gulbenkian



O mundo de Calouste Gulbenkian era o Mundo.

O mapa da localização dos investimentos e dos interesses industriais e financeiros de Calouste Gulbenkian mostra os cinco continentes onde deixou a sua marca como investidor na indústria mineira, na produção hidroelétrica, na prospecção, exploração, transporte e refinação de petróleo.

As suas empresas pessoais tiveram sede no Canadá (Pandi), no Liechtenstein (Anstalt Vega) e no Panamá (Partex), no que chamaríamos hoje paraísos fiscais.

Teve vários passaportes: otomano, britânico e dois armênios; mas em 1928 correu o risco de ficar com o estatuto de apátrida...

II

Dois Culturas

Nasceu no seio de uma família cristã armênia no Império Otomano e no lado asiático de uma cidade cosmopolita onde conviviam várias etnias, várias religiões e várias culturas.



Foi educado na escola arménia e depois no ocidente, em Marselha e em Londres.



Várias vezes invocou a sua condição de “oriental” para justificar certas posições – a concepção patriarcal da família e o papel da mulher. Ou até para manter uma aura de mistério sobre si. Também terá conservado no seu quadro mental o estatuto de “Amira” que era concedido às famílias arménias ricas no Império Otomano e que se traduzia em alguns privilégios, como não fazer o serviço militar. Mas era claramente um ocidental pela expressão do pensamento.

Nos negócios, sempre se valeu do conhecimento dos mercados asiáticos, do modo de comerciar, do domínio das línguas para estabelecer contactos e fazer pontes, surgindo sempre como intermediário imparcial e isento (“sem lealdades” nacionais), competente e voluntarioso.

Na sua colecção revela um gosto eclético, com profundos conhecimentos tanto da arte islâmica como da arte do ocidente.

A sua biblioteca pessoal, por seu turno, mostra como procurava aprofundar o seu conhecimento nos temas pelas quais se interessava, da História da Arte ao cultivo de flores.

Não se interessava pela literatura e, tirando alguns autores clássicos, não lia romances e não gostava de música e de ópera. Quando ia ao teatro era para ver e ser visto e saía ao intervalo.

III

Educação

Terminados os estudos na escola arménia de Kadiköy, teria sido natural que Calouste Gulbenkian prosseguisse os seus estudos numa das duas mais importantes escolas secundárias de Istambul, uma francesa – o Lycée Saint-Joseph – ou americana – o Robert College. No entanto, o pai mandou-o para a École de Commerce, de Marselha, onde aperfeiçoou o francês e iniciou o estudo de inglês.



Depois de Marselha, segue para Londres para a King's College School, avançando a seguir para o Departamento de Ciências Aplicadas onde obteve o estatuto de “*associate*” graças a muito boas classificações: prémio de Física do 2.º ano; prémio de Física e Física Prática do 3.º ano e certificados de mérito no 2.º ano de Mecânica e Artes de Construção.

Além destas disciplinas, estudou Química Prática, Geologia, Desenho Geométrico, Desenho Mecânico e Topografia e, como independente, obteve um certificado de habilitações avançadas em electricidade e magnetismo. Manteve consigo até morrer o estojo de engenheiro.



Mais tarde terá inflacionado o valor destes diplomas dizendo que obtivera um “*First*” em Engenharia, grau que não existia na altura, tal como invocou ter tido mestres que o não foram de facto.

Pouco importa: sozinho, num ambiente hostil, estrangeiro e não praticante de desporto – o que então era indispensável numa escola inglesa – Calouste Gulbenkian conseguiu boas classificações e revelou as suas qualidades intelectuais, tenacidade e determinação.

IV

Escritor

Abandonada a ideia de uma carreira académica, a que seu pai se opôs firmemente, Calouste Gulbenkian regressa a Istambul para trabalhar na firma comercial da família.

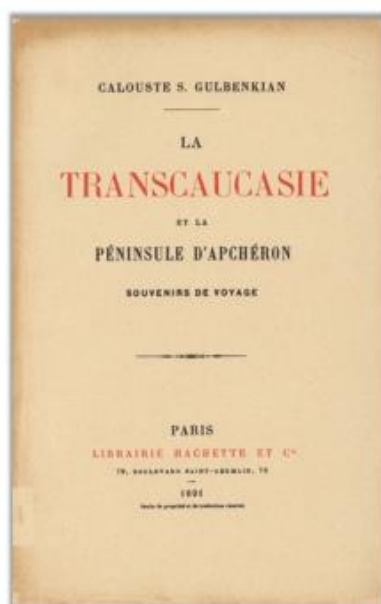
Como ele recorda nas “Memórias” que escreveu em 1945: “no meu regresso, o meu pai mandou-me a Baku (tanto o meu pai como o meu tio eram grandes importadores de petróleo russo) para ganhar experiência e contactar os seus parceiros de negócios lá”.

Assim, no outono de 1889, com vinte anos, iniciou uma viagem que o levaria, primeiro de barco, de Istambul a Batumi na costa oriental do Mar Negro e depois, percorrendo os mil quilómetros de caminho-de-ferro, através do Cáucaso, até Baku, na península de Apchéron, no Mar Cáspio.



O relato desta longa jornada de várias semanas foi escrito por Calouste Gulbenkian com enorme pormenor, com informação histórica, erudita e técnica e num elegante francês quase literário.

O livro tem o título *La Transcaucasie et la Péninsule d'Apchéron – Souvenirs de Voyage* e foi publicado pela editora Hachette, de Paris, em 1891.



A qualidade dos seus escritos e a importância das matérias abrangidas levaram a que os dois capítulos relativos à indústria do petróleo fossem pré-publicados, em Maio de 1891, na prestigiada *Revue des Deux Mondes* sob o título “La Péninsule d’ Apchéron et le Petrole Russe”, e que o capítulo sobre os tapetes orientais fosse publicado na *Revue Archéologique* (Março/Abril 1891), revista que era dirigida por Georges Perrot.

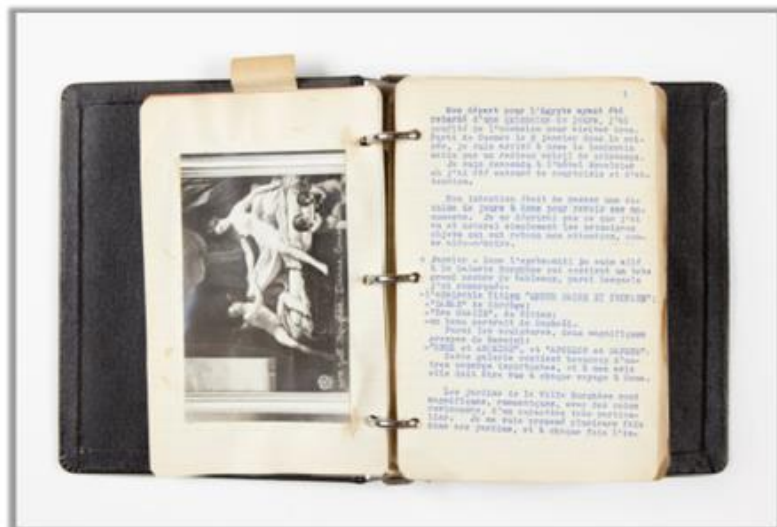




Para quem hoje ler o livro de Calouste Gulbenkian é surpreendente como um jovem com pouco mais de vinte anos foi capaz de descrever tão diferentes paisagens e de reunir informação tão ampla e tão diversa, da história antiga à indústria do petróleo. O jovem Calouste revela no seu livro uma invulgar capacidade de observação, discreteando sobre a fauna, a flora, os monumentos, as línguas, as tradições, usos e costumes de vários povos, ao mesmo tempo que critica certos aspectos, é irónico sobre outros ou chega a formular propostas específicas como a necessidade de melhorar a higiene pública.

A perspicácia e rigor que Calouste Gulbenkian revela neste livro são a antecipação das facetas do seu carácter que viria a afirmar ao longo da sua vida como financeiro, diplomata, coleccionador de arte, pensador e filantropo.

Também os seus cadernos de viagem e as suas notas de visitas a monumentos e museus, cuidadosamente dactilografados, proporcionam uma leitura agradável e informativa com as suas judiciosas opiniões, entrecortadas de emoções quase poéticas como quando recorda o canto dos rouxinóis no porto de Cattaro, durante um cruzeiro no Mediterrâneo, em 1932.



Igualmente, as trinta e tantas páginas das “Memórias” da sua intervenção na indústria do petróleo são de um surpreendente rigor e clareza. E o texto, em inglês, destinado a uma das suas batalhas negociais, terá sido ditado praticamente de memória, em 1945, em Lisboa, longe dos seus arquivos.

Finalmente a sua correspondência – Calouste Gulbenkian viveu no tempo em que se escreviam cartas – devidamente dactilografada e arquivada, mostra a precisão e o rigor do pensamento e a elegância no uso da língua, sobretudo em francês. Fossem negócios, recomendações aos familiares, instruções aos seus arquitectos ou reflexões sobre política internacional, as suas cartas são peças de estilo, com uma retórica perfeita e adequada aos objectivos que pretendia.

V

Arquitecto de negócios

Se o carvão tinha sido o combustível da revolução industrial, o petróleo, com a sua diversificada coluna de destilação, vai ser o combustível do século XX.

Basta recordar a repercussão que tiveram a popularização do automóvel, graças a Henry Ford, e a decisão de Wiston Churchill, enquanto Lord do Almirantado, de substituir o carvão pela nafta nos navios da Royal Navy.

Calouste Gulbenkian é um dos arquitectos da nova indústria. Instalado em Londres desde 1897, Calouste Gulbenkian abandona definitivamente os negócios de família – onde aliás não teve grande êxito – e inicia o seu extraordinário percurso no mundo financeiro onde foi um actor determinante e se tornou numa figura quase lendária.



Embora tenha começado por investir na Bolsa de Londres no sector mineiro e aí tenha obtido lucros avultados foi no petróleo que conseguiu, graças aos conhecimentos e a uma pertinácia difícil de igualar, os resultados mais notáveis e onde ganhou jus ao cognome de “Senhor cinco por cento”, por que ficou universalmente conhecido.

Nas já referidas “Memórias”, Calouste Gulbenkian recorda que o seu livro e o artigo publicado na *Revue des Deux Mondes* terão chamado a atenção das autoridades otomanas sobre a importância do petróleo e especialmente das jazidas na Mesopotâmia: “*My publications having attracted the attention of the Minister of the Liste Civile, Jajob Pasha (a great friend of my father) and of the Minister of Mines, Selim Effendi, they asked me to gather oil information I could get on the oil prospects in Mesopotamia*”.

E, embora não o refira nas “Memórias”, algum dos seus biógrafos afirmam que Calouste Gulbenkian terá tido uma audiência com o Sultão Hamid e que a sua inteligência e conhecimentos terão impressionado vivamente este último. A verdade é

que o Sultão fez transferir grandes parcelas de terreno na Mesopotâmia para a sua propriedade pessoal.

Aqui começa a grande aventura e o longo caminho para o sucesso.

Mas foi necessário aguardar por condições favoráveis. A transição política operada no início do século XX, conhecida pela Revolução dos Jovens Turcos, veio dar a Calouste Gulbenkian novas oportunidades de negócios no Império Otomano. Calouste Gulbenkian trabalhou de perto com o novo Ministro das Finanças turco, Cavid, e ajudou a fundar o Banco Nacional da Turquia em 1909 que canalizou recursos financeiros para o governo otomano e atraiu investidores para o império.

Igualmente foi elaborando propostas para o petróleo otomano até que, em 1912, nasce formalmente a Turkish Petroleum Company (TPC) com a seguinte composição accionista: 25% para a Royal Dutch Shell, 25% para o Deutsche Bank, 50% para o Banco Nacional da Turquia, onde se incluíam 15% de Calouste Gulbenkian.



Um dos aspectos que viria a ser decisivo no futuro foi a consagração da cláusula de auto-negação (“*the self denial clause*”) que impedia os sócios da TPC de explorarem petróleo nos territórios do Império sem ser através da TPC.

Pouco tempo depois de ser criada, a TPC despertou o interesse do governo britânico que pressionou no sentido de que uma companhia inglesa entrasse no respectivo capital. Entretanto os embaixadores britânico e alemão em Istambul pediram e obtiveram a concessão de exploração em Mossul e em Bagdade através da chamada “Lettre Vizirielle”. Calouste Gulbenkian tenta encontrar uma solução e, numa manobra

de génio – que à primeira vista poderia parecer uma derrota –, arquitecta uma nova recomposição accionista reduzindo a sua quota para 5%.

O Banco Nacional da Turquia vendeu a sua parte e entrou a Anglo-Persian que ficou com 47,5%; a Royal Dutch-Shell com 22,5%, o Deutsche Bank com 25% e Calouste Gulbenkian com 5%.

A intenção de Calouste Gulbenkian era a de a TPC vir a dominar todo o petróleo do Império Otomano e não apenas algumas concessões e, assim, ao reduzir a sua participação estaria em condições de pessoalmente realizar os “*apports*” financeiros que seriam necessários bem como de harmonizar as várias potências interessadas na região.

Pouco tempo depois deste acordo eclode a Guerra: Alemães e Turcos de um lado e Franceses e Ingleses do outro, e tudo fica em suspenso. Mas Calouste Gulbenkian não pára, viajando entre Londres e Paris, usando, quando lhe era útil, o seu estatuto de representante do Império Otomano, continua a negociar e sobretudo a apoiar o governo francês a entrar na indústria do petróleo que a guerra torna cada vez mais vital.

Com o fim da guerra e a derrota dos alemães e dos otomanos, há que partir de novo. A Turkish Petroleum Company muda de nome e passa a chamar-se Irak Petroleum Company (IPC) e os seus accionistas passam a ser companhias dos países vitoriosos. Continuam a Royal Dutch-Shell e a Anglo-Persian; entram a França, através da Compagnie Française des Pétroles (que Calouste Gulbenkian ajudara a criar), e os Estados Unidos através da companhia veículo, Near East Development Company.

Com o fim da guerra, desapareceu também o Império Otomano e parte dos seus territórios são entregues pela Sociedade das Nações à administração da França e do Reino Unido numa divisão a régua e esquadro concertada nas chancelarias como foi o Acordo Sykes-Picot.

Também aqui Calouste Gulbenkian está atento e activo: intervém para garantir que Mossul (onde sabia existirem reservas importantes) ficasse do lado que viria a ser a nova Mesopotâmia – o Iraque.

É também no rescaldo da I Guerra que surge a necessidade de definir, de modo inequívoco, as áreas concessionadas à IPC. Surge assim o célebre Red Line Agreement, de 31 de Julho de 1928, cujo traçado a lenda (e a biografia escrita por Ralph Hewins) atribui ao lápis vermelho de Calouste Gulbenkian. Mas ele não estava em Ostend no dia 31 de Julho de 1928, embora tivesse influenciado a decisão. Todos os territórios incluídos haviam pertencido ao Império Otomano na Ásia ficando de fora o Koweit e a Pérsia que não tinham sido parte do Império. A primeira grande descoberta tinha sido

em Kirkuk, em Outubro de 1927. Na década de 30, novas grandes descobertas tornaram a IPC altamente rentável. E algumas só depois da sua morte tiveram lugar, como as do Abu Dhabi e do Sultanato do Omã, no início dos anos sessenta.



O penúltimo capítulo – o último foi a nacionalização em 1973 – da IPC será escrito depois da II Guerra, com Calouste Gulbenkian já instalado em Lisboa, a negociar por correspondência ou com os seus interlocutores a deslocarem-se a Lisboa para conferenciarem com ele.

Foi o fim da cláusula da autonegação imposto pelos americanos que, em acordo com sauditas, pretenderam ficar sozinhos na exploração do petróleo no Reino de Saud. Apesar de ter de ceder, Calouste Gulbenkian conseguiu compensações vantajosas para os seus 5%.

Muitas outras façanhas de Calouste Gulbenkian no mundo do petróleo, designadamente no México (El Águila – Mexican Eagle Petroleum Company) e na Venezuela (VOC – Venezuelan Oil Company) – terão de ficar para outra palestra.

Calouste Gulbenkian fez o seu percurso sempre solitário. Tinha um pequeno escritório, com poucos colaboradores com quem era exigentíssimo: “*check, check, check*” era a sua regra. Nunca se sentou num Conselho de Administração das várias empresas em que participou. Mandava representantes: o filho Nubar, o genro Kevork Essayan ou advogados. Aproveitava o tempo para pensar.

Calouste Gulbenkian afirmou-se pelo conhecimento profundo dos temas em negociação, pela rede de contactos que foi estabelecendo, pela aptidão de estabelecer

pontes, pela memória aguçada, pela capacidade de persuasão, pela tenacidade, por saber esperar pelo momento certo, pela coragem de correr riscos. Por ser capaz de ser amável e, ao mesmo tempo, implacável nas ameaças.

Lord Radcliff (no obituário do *Sunday Times*) escreveu: “Calouste Gulbenkian tinha uma força intelectual inata... Tinha uma imensa vitalidade, uma intensidade nervosa que carregava o seu corpo e o seu espírito de electricidade e o punha a trabalhar em qualquer coisa para que se virasse com uma concentração arrepiante.”

VI

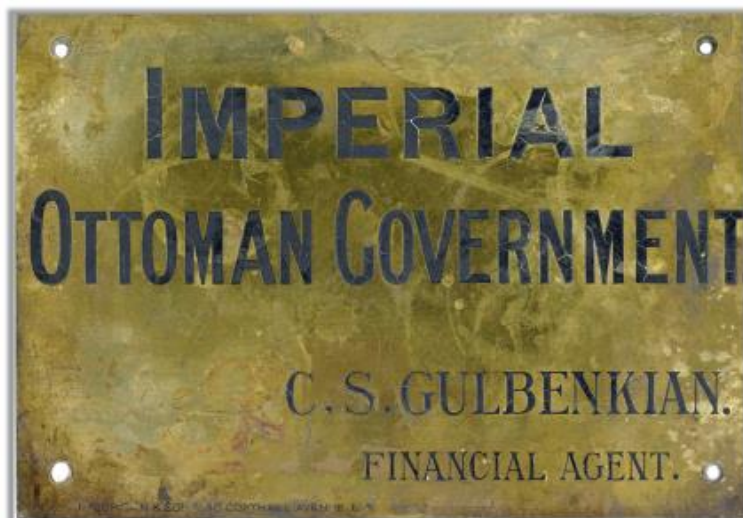
Diplomata

Solitário, obstinadamente discreto, avesso a honrarias e só aceitando a vida social quando era útil nos seus objectivos, Calouste Gulbenkian chegou a recusar a Legião de Honra com que o Governo francês queria agraciá-lo. Pediu que a dessem ao seu filho Nubar que, exuberante como era, rapidamente aceitou.

Quando foi condecorado pelo Estado português com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo, não teve tempo para recusar porque já estava publicado o decreto no Diário do Governo, de 15 de Fevereiro de 1950. Mesmo com erros, na grafia do seu nome “Alouste” em vez de Calouste, e na sua nacionalidade designando-o “súbdito persa”.

Mas, por duas vezes, teve cargos diplomáticos que revelam quão útil diferentes governos consideravam a sua capacidade de negociar e estabelecer compromissos e entendimentos.

Primeiro, em Dezembro de 1909, foi nomeado Conselheiro Diplomático Financeiro e Comercial da Missão Diplomática Otomana em Londres e, em Julho seguinte, “Conseiller Financier” na Embaixada Otomana de Paris.



Demitiu-se do cargo no começo de 1913, mas foi renomeado em Julho de 1914, quando a assistência dele foi necessária para mais um empréstimo às periclitantes finanças do Império.

No átrio da entrada do seu apartamento de Paris estavam três bandeiras – a britânica, a francesa e a otomana – prontas a ser usadas de acordo com as conveniências.

Depois da primeira Guerra, em 1920, foi nomeado Conselheiro Comercial junto da delegação da Pérsia, em Paris. Estatuto que viria a ser crucial na defesa da sua casa e da sua colecção quando Paris foi ocupada pelas tropas alemãs em 1940.



Como diz o seu último biógrafo, o estatuto de Calouste Gulbenkian como cidadão inglês naturalizado, diplomata persa e residente francês “teria intrigado um funcionário menos expedito”. O que aliás veio a acontecer quando, em 1928, alguém no Ministério do Interior britânico ponderou retirar-lhe a cidadania britânica dada a sua prolongada ausência física e fiscal do Reino Unido. Se tal tivesse acontecido, Calouste Gulbenkian ficaria com o estatuto de apátrida...

VII

Coleccionador

É a faceta mais conhecida deste homem extraordinário. Bastará pensar que ao longo da vida reuniu mais de seis mil peças para assumirmos, mais uma vez, a tenacidade que emprestava aos seus desígnios.

Ele próprio terá contado que, quando o pai lhe deu algum dinheiro como prémios pelos resultados escolares, foi ao Bazar de Istambul e, perante as mil e uma tentações, decidiu comprar moedas antigas.

A sua colecção é toda uma história da arte porque vai desde a antiguidade egípcia até à arte nova e *art déco*, do ocidente ao mundo islâmico e à China e ao Japão.





Escapou-lhe a arte moderna. Terá conhecido Picasso a quem terá pensado encomendar um retrato mas cujo preço consideraria excessivo para um jovem pintor. E viu quadros de Van Gogh, comentando “interessante mas não gosto”.

A primeira compra a Renée Lalique data de 1899. É uma gargantilha que veio a ser exposta na Exposição Universal de 1900. Calouste Gulbenkian tornou-se um apoiante e grande colecionador deste mestre da “*art nouveaux*”.



O seu critério era essencialmente a beleza e a qualidade de cada peça e ficou tão célebre como os 5% o que respondeu a um “marchand”: “*only the best is enough for me*”.

Como noutros domínios, Calouste Gulbenkian aprofundava o conhecimento e informava-se detidamente. Mostra-o a sua biblioteca pessoal, a correspondência com historiadores de arte e “*marchands*”, os catálogos e fotos dos museus que visitou e as anotações que fazia.

Para se instruir em História de Arte, em 1903 teve lições individuais, no museu do Louvre, com o curador e também coleccionador Camille Benoît.

Procurou o melhor conselho junto dos especialistas e tornou-se amigo do director da National Gallery de Londres, Keneth Clark, bem como do director da National Gallery de Washington, John Walker. Ambos tentariam influir no destino da colecção de Calouste Gulbenkian.

Em 1936, Calouste Gulbenkian cedeu ao Museu Britânico, em Londres, a sua colecção de arte egípcia e à National Gallery uma parte importante da colecção de pintura. Chega a admitir um legado quando lhe oferecem a possibilidade de construção de uma galeria para a sua colecção.



Quando a França é ocupada e Calouste Gulbenkian vai, como diplomata, para Vichy, o governo britânico considerou-o “*technical enemy*” nos termos da Lei do Comércio com o Inimigo de 1939.

Foi uma ofensa que não perdoou. Acabada a guerra, em 1948 faz transferir a colecção de arte egípcia para a National Gallery of Art de Washington e em 1950 a pintura que estava em Londres seguiu o mesmo destino.

É agora, do outro lado do Atlântico, que Calouste Gulbenkian é cortejado com promessas e propostas aliciantes para aí deixar a sua colecção. Ele procurava um tecto para reunir “as suas filhas” como costumava dizer quando se referia às suas obras de arte.

Era o futuro da colecção que estava no tabuleiro das suas grandes decisões.

Uma colecção com a dimensão da de Calouste Gulbenkian representa um número sem fim de histórias: de escolhas, de negociações e do trajecto das obras até chegarem à posse do coleccionador.

Talvez a mais complexa tenha sido a da aquisição aos soviéticos de várias obras do Hermitage. Depois da Revolução de 1917, perante as dificuldades em obter divisas, as autoridades soviéticas estabeleceram em 1928 um plano de vendas de peças das antigas colecções imperiais.

Calouste Gulbenkian tinha um bom contacto que era Georges Piatakoff, o equivalente a governador do banco central. Longas negociações, mensagens cifradas, correios diplomáticos e Calouste Gulbenkian consegue, entre outras, algumas peças notáveis: a “Hélène Fourment”, de Rubens, dois quadros de Rembrandt (“Tito” e “Palas Atena”), a escultura Diana, de Houdon, e várias peças de prata de François-Thomas Germain.





Além das peripécias negociais e do secretismo da operação, importa reter um memorando de Calouste Gulbenkian ao seu interlocutor:

“Fui sempre de opinião que aquilo que foi guardado nos vossos museus durante muitos anos não devia ser vendido, não só porque representa património da vossa nação, mas como grande recurso educativo e fonte de imenso orgulho nacional. Se se viesse a saber que tinham sido vendidas, isso seria prejudicial para a reputação do vosso governo. A conclusão a que se chegaria seria a de que as coisas se tinham tornado de tal forma difíceis que se fora obrigado a vender património para obter receitas que dificilmente têm significado para um país como o vosso”.

...

E noutro memorando:

“Lembrar-se-á, sem dúvida que sempre aconselhei, e que continuo a aconselhar os vossos representantes, a não venderem peças dos vossos museus; mas, se mesmo assim venderem, que me dêem a preferência a mim a preços iguais...”.

Finalmente, como diz o Dr. José de Azeredo Perdigão, nem tudo são sucessos na vida de um colecionador. Calouste Gulbenkian tentou porfiadamente comprar o retrato “A Condessa de Chinchón”, de Goya, que terá visto em casa da sua proprietária, a Duquesa de Sueca, em 1942. Tentou até 1951 e o preço não foi obstáculo. Apenas nunca foi possível obter do governo espanhol licença de exportação.

O quadro só viria a ser vendido pelos herdeiros da Duquesa de Sueca ao Museu do Prado, em 1980.



VIII

Viajante

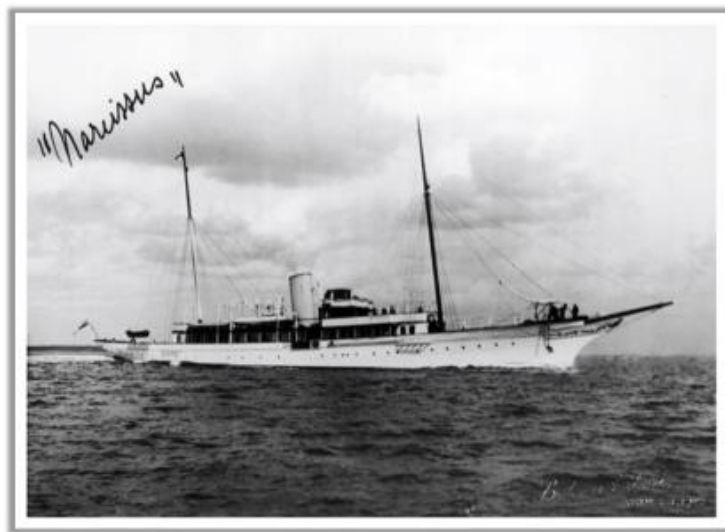
Já falámos das viagens de Calouste Gulbenkian, como estudante, a Marselha e a Londres, da sua travessia do Cáucaso bem como do vaivém entre Londres e Paris e finalmente de Vichy até Lisboa.

Desde que teve de fugir em 1896 nunca mais voltou a Istambul e, depois da visita a Baku, nunca voltou a pôr os pés num campo de petróleo. Mas a sua paixão pela arte e pela paisagem e os seus interesses como colecionador levaram Calouste Gulbenkian a programar e a fazer uma série de viagens para visitar lugares históricos, jardins, admirar monumentos e conhecer obras de grandes artistas. Foi de certo modo

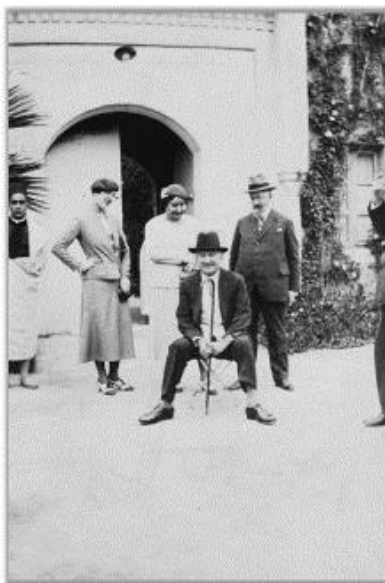
uma reedição dos “Grand Tours” do Século XIX. Estas deslocações ocorreram no período de paz, entre as duas guerras mundiais. Uma vez de comboio, outras de navio, percorreu vários países e tudo o que viu e experimentou ficou registado nos seus diários de viagem.

Diários que bem mostram a sua cultura artística, o seu espírito crítico e a sua surpreendente e quase poética sensibilidade.

- Espanha, 1928. Visitou Madrid, Escorial, Toledo, Córdova, Ronda, Málaga, Granada e Sevilha.
- Norte de Itália, 1929. Visitou Bolonha, Florença, Milão, Modena, Pavia, Parma e Vila d’Este.
- 1.º Cruzeiro no Mediterrâneo, a bordo do *Narcissus*, Abril de 1930. Partiu de Cannes e desembarcou nos seguintes locais: Bástia (Córsega), Portoferraio, Nápoles (Itália); Corfu, Zante, Delfos, Corinto, Pireu, Creta, Rodes (Grécia) e Taormina, Siracusa, Agrigento e Palermo, novamente em Itália, na Sicília.



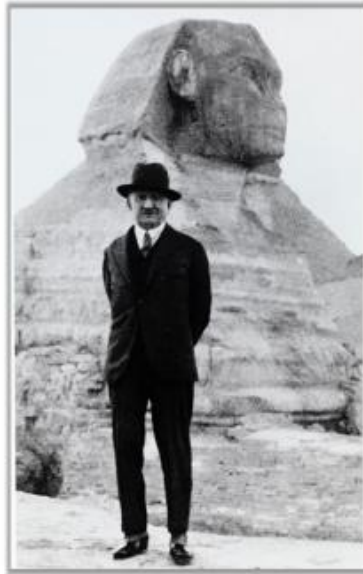
- 2.º Cruzeiro, a bordo do *Ausonia*, primavera de 1932. Partiu de Cannes, passou por Maiorca e dirigiu-se ao Norte de África. Visitou sucessivamente Casablanca, Fez, Rabat (Marrocos), Argel (Argélia) e Tunes (Tunísia), incluindo as ruínas de Cartago.



Escreve no Diário da Viagem:

“Esta manhã foi muito desagradável para mim. Estendido na cama, pensei que o que há de apelativo em passear de iate é o snobismo. A minha opinião pessoal é que se trata de um tremendo desperdício, sem quaisquer compensações, morais ou físicas. Em terra é difícil resistir às atracções aparentes, mas, num exame mais aprofundado, a ilusão depressa se desvanece.”

- Munique, Junho de 1933. Visitou os museus da cidade. Teceu louvores a alguns quadros de impressionistas, como Cézanne e Manet.
- Viena, Outubro de 1933. Visitou museus. Fez comparações com obras da sua colecção.
- Roma, Janeiro de 1934. Visitou museus e monumentos. Refere a sua admiração por Miguel Ângelo.
- Egipto, 1934. De Roma dirigiu-se a Nápoles onde tomou um navio para o Egipto (onde tinha estado na fuga de Istambul). Passeou no rio Nilo, foi a Knossos e Luxor.



- Palestina e Síria, 1934. Do Egito seguiu para Jerusalém que tinha visitado em peregrinação com os pais quando tinha sete anos e onde foi recebido pelo patriarca armênio. Visitou depois o Lago de Tiberíades, Nazaré e, na Síria, Damasco e Baalbek.



- Lyon, Julho de 1934. Visitou o Museu Histórico de Tecidos de Lyon para aprofundar o estudo de um tema de sempre, os tapetes, as tapeçarias e tecidos de veludo e de brocado. Novamente para comparação com os seus tapetes.

A última grande viagem de Calouste Gulbenkian é de Vichy para Lisboa, com a intenção de ir para os Estados Unidos. Mas acabaria por nunca atravessar o Atlântico.

IX

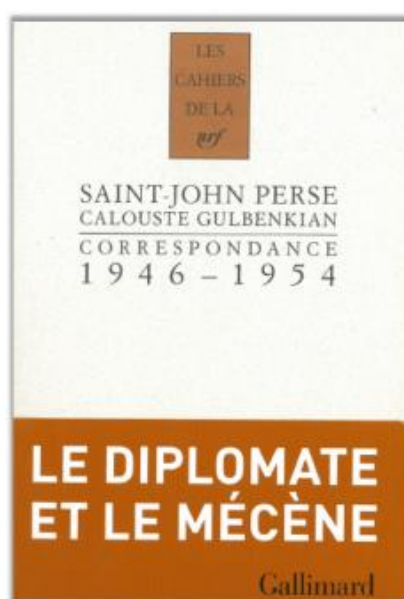
Homem de pensamento



Desde o relato da viagem de juventude, de que nos deixou um livro, e as notas em que recolhia as suas impressões de visitas a museus e monumentos ou descrevia paisagens e emoções nos diários de viagem, encontramos sempre a ressonância de um espírito crítico e sensível onde prevalecem valores e cânones.

Mas é sobretudo na correspondência que vamos descobrir o pensamento mais reflectido e elaborado, os princípios em que se baseava e que procurava transmitir.

A publicação, em 2013, da correspondência que trocou com o diplomata Alexis Léger que como poeta assinava Saint-John Perse e foi prémio Nobel em 1960 e, mais recentemente, das cartas que escreveu ao seu neto Mikhael Essayan ajudam a compreender e a apreciar melhor a dimensão intelectual e ética de Calouste Gulbenkian.



Calouste Gulbenkian conheceu Alexis Léger em Paris quando este era Chefe de Gabinete de Aristide Briand (1925). Depois da Guerra Léger exilou-se nos Estados Unidos e Calouste Gulbenkian, apercebendo-se das suas dificuldades, propôs-lhe um estipêndio regular pedindo-lhe informação sobre a situação internacional, sobretudo na perspectiva dos Estados Unidos.

A troca de cartas entre os dois que, por razões de segurança, assinavam com o pseudónimo “Douglas”, aborda sobretudo dois temas: as preocupações decorrentes da Guerra Fria e os projectos de Calouste Gulbenkian para o parque de “Les Enclos”. Ambos encontravam afinidades como conhecedores de paisagismo e de botânica. Ambos hipocondríacos, encontram na saúde, no luto e na tristeza do afastamento temas em que a amizade e admiração mútuas se engrandeceram.

Igualmente notáveis, revelando o carácter de Calouste Gulbenkian e os seus valores, são as cartas que troca com o único neto, Mikhael Essayan, filho da sua filha Rita.

Em plena guerra, Mikhael está em Inglaterra num colégio interno. Os pais estão em Paris e o avô em Lisboa. Calouste Gulbenkian, porventura reconhecendo que não tinha sabido educar o seu filho Nubar, assume a responsabilidade pela formação escolar e moral do neto.

Vou ler um excerto de uma das cartas de Calouste Gulbenkian:



“...Os seus bons resultados escolares são sem dúvida um feito excelente. Longe de mim pensar em diminuir-lhes a importância, bem pelo contrário quero vê-lo prosseguir nesse caminho com o entusiasmo de sempre. No entanto, há um aspecto fulcral a que gostaria de regressar, aprofundando-o: a “vertente moral” da sua educação.

No meu pensamento, esta “vertente moral” ultrapassa os limites bastante estritos que lhe são conferidos pela educação religiosa, pois ao culto do bem eu associo intimamente o culto do belo. Trata-se de elementos imponderáveis, mas cuja presença simultânea constituiu para a alma humana uma fonte de inspiração inesgotável. Os grandes homens da ciência, os grandes mestres da Arte, nasceram dessa fonte de inspiração. A moral tal como a ensina o catecismo é um estudo

eficaz contra as armadilhas da vida, e quando num mesmo ser ela se une ao culto do belo, este ficará espiritualmente ainda mais elevado. A inteligência com que a Providência o dotou não dará todos os frutos se não for sustentada por uma sólida base moral. Se essa base moral for insuficiente, a integridade da sua inteligência sofrerá as consequências. Em contrapartida, se for robusta e sã, servirá como o melhor dos trampolins para os seus conhecimentos intelectuais, assegurando o seu pleno desenvolvimento...“

X

Filantropo

Bastaria o gesto de instituir uma fundação com a sua fortuna para Calouste Gulbenkian ficar para sempre na galeria maior dos filantropos da sua época, ao lado de Henry Ford, John Rockefeller, Paul Getty ou Henry Wellcome.

A sua veia filantrópica a favor das comunidades arménias revelou-se a partir de 1920, a seguir às perseguições, deportações e massacres que ocorreram na Turquia no final da I Guerra.

Em 1930, aceita presidir à Union Générale Armenienne de Bienfaisance mas demite-se dois anos depois por discordar dos métodos e da ineficácia da organização e também pela sua dificuldade em trabalhar de forma colegial. Mais uma vez aqui se reconhece como um solitário.



Em 1934, visita os refugiados arménios em Beirute.

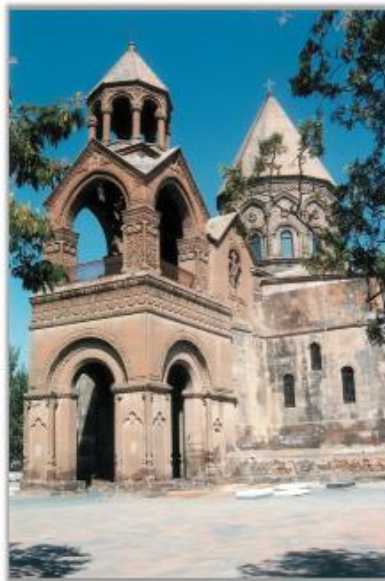


Em 1936, outorga os imóveis de Salamet, em Istambul, a favor das obras do hospital arménio de Surp Pirgic (onde está o mausoléu dos seus Pais).

Uma vez em Lisboa, conhece o Dr. João Couto, director do Museu Nacional de Arte Antiga e doa ao Museu obras importantes que, depois do fim da Guerra, faz vir da Avenue d'Iéna: um torso greco-romano, uma figura de leão greco-ptolomaico, em basalto, uma escultura de Rodin, "Danaide", e pintura de grandes autores: Velásquez, Van Dick, Courbet, Fantin-Latour, Reynolds, Van Cleve e Lucas Cranach, entre outros. Por si só, uma valiosa colecção...



Finalmente, no testamento de 1953, em que institui a Fundação com o seu nome, faz vários importantes legados e doações de que distinguiria a destinada às obras de restauro da Catedral de Echmiatsi, na Arménia.



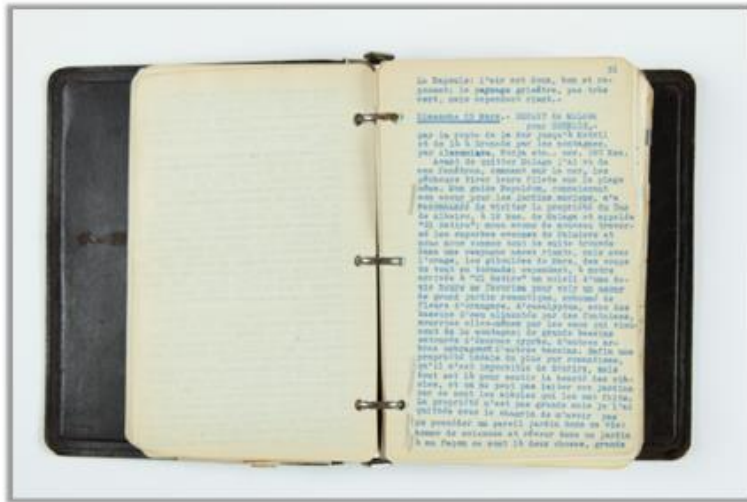
Já depois de outorgado o testamento, em 1954, cria o Saint Sarkis Charity Trust para apoiar a igreja de St. Sarkis em Londres e a Biblioteca do Patriarcado Arménio de Jerusalém, que tinha financiado e fora inaugurada em 1932.

XI

O que não conseguiu...

Quase tudo na vida de Calouste Gulbenkian são sucessos e realizações, fruto da sua inteligência, da firmeza de vontade e do trabalho persistente.

Mas, numa das raras ocasiões em que fala de si próprio, escreveu no diário da viagem a Espanha, em 1928, depois de visitar o Jardín del Retiro, nos arredores de Málaga:



“A propriedade não é muito grande e deixei-a com mágoa de, na minha vida, nunca ter possuído um jardim parecido: homem de ciência e sonhador em jardins à minha maneira são dois objectivos, grandes ambições da minha vida que não consegui concretizar (pobre de mim a quem todos invejam)...”

Se o primeiro objectivo realmente não logrou realizar, o segundo foi amplamente conseguido. Calouste Gulbenkian tinha adquirido um ano antes, em 1927, uma propriedade perto de Deauville, “Les Enclos” à qual juntou, em 1931, algumas parcelas perfazendo 34 hectares. Contratou o reconhecido arquitecto paisagista Achille Duchêne para desenhar o “jardim à sua maneira” onde esperava passar o que chamava de “weekend glorifié”.

O *chalet* que existia na propriedade foi deitado abaixo e nunca viria a ser construída a casa que Calouste Gulbenkian pretendia, apenas para si próprio.



O parque foi muito mal tratado durante a ocupação alemã tendo muitas árvores sido cortadas mas, acabada a guerra, Calouste Gulbenkian retoma, quase sempre com rigorosas instruções enviadas por correspondência, a reconstrução do jardim. Em 1973, a Fundação ofereceu a propriedade ao município de Deauville que, em 2010, lhe deu a designação de Parc Gulbenkian.





Segundo Alexis Léger, “A natureza e a arte eram as duas ‘chaves secretas’ que Gulbenkian detinha, chaves que lhe permitiam desafiar o ‘sequestro prometeico’ que, doutro modo, o manteria acorrentado ao seu império dos negócios.

XII

O improvável não é impossível

Sabemos por que Calouste Gulbenkian veio para Lisboa em 1942. Não sabemos por que nunca chegou a embarcar para os Estados Unidos assim como não sabemos por que, terminada a guerra, não regressou a Paris e ao convívio com a sua colecção que ficara na Avenue d'Iéna. Visitou Paris e Deauville várias vezes mas acabou por voltar e permanecer no Aviz, em Lisboa. Também sabemos como foi assediado com ofertas, primeiro de Londres e depois de Washington, sobre o destino a dar à sua colecção.

Em 24 de Março de 1953 escreve a Alexis Léger:

“...uma das minhas mais sérias preocupações [é]: o futuro das minhas obras de arte. São para mim, como sabe, amigos muito queridos a quem dei muito de mim mesmo. Das disposições que tomar a seu respeito, não espero nem desejo nenhum louvor (“Kudos”), não peço senão esta certeza: que sejam felizes, que permaneçam juntos e que sejam objecto dos cuidados que precisem no futuro. Que sejam também sempre associados ao meu nome de um modo afectuoso e sincero”.

Poucos meses depois, em 18 de Junho de 1953, faz testamento, instituiu a Fundação e a sua colecção virá a ser reunida “debaixo do mesmo tecto”, em Lisboa.

Um arménio, nascido no Império Otomano, naturalizado súbdito britânico, representante diplomático da Pérsia em França, detentor de uma das maiores fortunas do seu tempo escolhe Portugal para sede da instituição que perpetuará o seu nome.

Um enigma.

Quando na altura da preparação das comemorações dos 50 anos da Fundação Calouste Gulbenkian pedi ao Manoel de Oliveira que fizesse um filme sobre a Fundação, o realizador aceitou de imediato. Tinha preparado alguma documentação mas o Manoel de Oliveira respondeu-me: “Não tenho espaço nem tempo para mais livros e papéis. Fale-me de Calouste Gulbenkian, da sua vida, do seu testamento e como a Fundação foi evoluindo”. A certa altura interrompeu-me, pediu um papel e um lápis e

disse: “Já tenho título e uma ideia do guião. O título é o que disse há pouco: a criação da Fundação em Portugal é um bom exemplo de que o improvável não é impossível. O Improvável não é Impossível será o título do filme e o guião mando-lho dentro de poucos dias”.

Assim foi e no dia 20 de Julho de 2006 a sessão solene abriu com a projecção do filme “O Improvável não é Impossível” realizado por Manoel de Oliveira.



(Comunicação apresentada na sessão de abertura do Ciclo de Conferências Calouste Gulbenkian. Tributo da Academia das Ciências por ocasião do 150.º Aniversário do seu Nascimento a 14 de outubro de 2019)

MEMÓRIA DE AZEREDO PERDIGÃO

Adriano Moreira¹

Azeredo Perdigão, como cada um de nós, nasceu dependente da circunstância do povo a que lhe aconteceu pertencer (1896-1993), no seu caso com a marca liberal da família que guardava memória do avô Major Roque Rangel de Azeredo, o qual foi um dos Bravos do Mindelo, integrado nas tropas que D. Pedro IV, ex-imperador do Brasil, ex-herdeiro da Coroa de Portugal que renunciou a favor da filha Maria, assumindo-se como Regente por ser pai, e general por conduzir o combate contra o exército do auto proclamado Rei, o seu irmão D. Miguel. A circunstância articulava a invasão francesa, pelas tropas napoleónicas, a independência do Brasil que pusera um ponto final no Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, a luta brutal que colocou os liberais no poder e a Carta em difícil vigência. Este período inscrever-se-ia naquilo que, em retrospectiva, seria chamado “La Belle Époque”, uma expressão que documentava a nostalgia que atingiu os europeus depois da guerra de 1914-1918, sem ignorar que nem todos os povos europeus a partilharam.

O fim desse século XIX foi chamado da Europa Dominadora, e, uma consequência da superioridade económica, científica, cultural, colonizadora, animaria a sua função global com o conceito de “Luz do Mundo”. A atual crise das migrações que inquieta a segurança europeia em conflito com os deveres humanitários lembra que, entre 1840 e 1914, se avalia a emigração dos europeus entre 30 a 35 milhões, sendo que a portuguesa procurava sobretudo o Brasil e a Argentina. Foi a chamada “Explosão Branca” (Gilberto Garrier), de gente pobre, que por vezes, sem consciência disso, apoiava o legitimismo europeísta a que objetivamente servia, com a invocação da evangelização por Portugal e Espanha, o “fardo do homem branco” pela Inglaterra, e as “Luzes” da França.

A circunstância portuguesa era, porém, de inquietação política permanente, e o jovem Azeredo havia de assistir, e ser condicionado, pela queda da Monarquia, antecedida do Ultimato da Inglaterra para abandonar o projeto da ocupação dos territórios de África, de Angola à Contra-Costa. Situação a lembrar as inquietações e amargura de D. Afonso de Albuquerque, escrevendo, em fim de vida a D. Manuel I: “... desde que as muralhas (Ormuz) sejam sustentadas pela justiça, e sem opressão, são

¹ Presidente do Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa, Professor Emérito da Universidade Técnica de Lisboa

mais do que suficientes. Mas se a boa-fé e o humanismo deixarem de ser praticados nestas terras, o orgulho derrubará até as muralhas mais fortes que tivermos. Portugal é muito pobre e quando os pobres cobiçam, tornam-se opressivos. Os fumos da Índia são poderosos – temo que chegue a altura em que, em vez de sermos conhecidos como guerreiros, como agora, sermos conhecidos como tiranos cobiçosos” (In Roger Crowley, *Conquistadores*, Presença, Lisboa 2015, pág. 356).

Azeredo viveu a sua primeira formação, com Portugal em crise, que foi chamada da *Agonia da Monarquia à Implantação da República* (Fronteira do Caos, Porto, 2006). Um tempo de conflito com a legalidade, entre a expansão europeia, em que apenas a Áustria não entrou, na ambição colonial, em que a mudança de regime passou pelo assassinato do Rei D. Carlos, com o hino nacional herdado dos republicanos a incitar “contra os Bretões marchar, marchar”, grito depois mudado diplomaticamente para apelo às armas “contra os canhões” do inimigo. Ficou célebre a intervenção de Manuel de Arriaga, quando no Parlamento foi discutido o tratado com a Inglaterra. Disse “Mantendo os nossos direitos ao interior da África, não abandonando a nossa aspiração secular de irmos da Costa à contra Costa, unindo por alguma forma Angola e Moçambique, podíamos ser como uma segunda Seara para impedirmos a invasão crescente e ameaçadora daquela *pieuvre* dos povos pequenos! Em vez de reagirmos, em vez de chamarmos para o nosso lado todos os que têm interesses comuns na mesma causa, vamos confiar à Inglaterra as nossas fraquezas, os nossos segredos, as nossas necessidades, e entregarmo-nos completamente desarmados à sua disposição e perfídia”.

As respostas políticas, no que toca à organização do Estado, foram, mais de uma vez, resposta de violação do Estado existente, com a violação do direito constitucional, como aconteceu com Sidónio Pais querendo solução para a crise da Primeira Guerra Mundial, de 1914-1918, em que participámos na Europa e em África, como aconteceu com o 28 de Maio, e como aconteceu em Abril de 1974. Por esse tempo, em vista do desenvolvimento técnico, científico e económico da Europa, desenvolveram-se linhas de estratégia para o futuro que, com múltiplas perspetivas, pregavam para essa Europa “Luz do Mundo”, em primeiro lugar, a laicização das sociedades, o que inquietou à Igreja Católica, e que levara Ernest Renan (*L’Avenir de la Science*, 1848), a pregar a organização científica da humanidade, afirmando que “tal é pois a última palavra da ciência moderna, tal é a sua audaciosa, mas legítima pretensão”. É sobretudo sob a

forma religiosa que o Estado velou até agora sobre os interesses supranacionais da Humanidade.

Mas a partir do momento em que a religiosidade do homem se venha a exercer sob a forma científica e racional, tudo o que o Estado dedicava ao exercício religioso reverterá de direito para a ciência, única religião definitiva; por seu lado, o Papa Pio IX, ripostava ocupando-se do que chamou “os erros do mundo moderno”, no histórico *Syllabus* (1864), junto à Encíclica *Quanta Cura*, de 1864; afirmativo, Victor Hugo (*Pour la Serbie, Actes Et Paroles*, 1876) renovava a velha ambição do europeísmo, escrevendo que “é necessária à Europa uma nacionalidade europeia”, e finalmente Anatole France, como que antevendo o futuro do conflito com o que viria a ser chamado “terceiro mundo”, levantado contra os ocidentais, clamava, no famoso *Sur la Pierre Blanche*, “*contre la folie colonial*”. É nestas circunstâncias, resumidas, que durante a sua vida ativa ainda traria conflitos gravíssimos de interesses soberanos e económicos, europeus e ocidentais, que José de Azeredo Perdigão vai constituir a sua própria conceção do mundo e da vida. Não faltam na história portuguesa manifestações cívicas de interesse e angústia sobre o futuro de Portugal, com respostas todas elas ainda hoje vivas, adormecidas ou em disputa. Na área que Anatole France chamava “a loucura colonial”, talvez possa filiar-se mesmo inconscientemente o *saudosismo* de Teixeira de Pascoaes (1877-1952), que identifica na saudade “o próprio sangue espiritual da Raça”, eixo do seu famoso livro *A Arte de ser Português* (1915).

Mas o mais importante, julgo, para compreender as opções ideológicas, profissionais, nacionais, e globalistas, de Perdigão, interessam sobretudo os que sentiram a necessidade de estudar a realidade do povo português, na data em que viveram, pobre, acolhedor, analfabeto, com valores corolários da dignidade do homem, e mais frequentemente vítima de *governanças extrativas* do que *inclusivas*. Quando a Fundação Calouste Gulbenkian mandou reeditar o *Portugal – A terra e o Homem* (1979), esse traço fundamental da época de Azeredo, tem nisso uma evidência: por isso não mostrou que tivesse inclinação para seguir os *vencidos da vida*, amigos do Rei D. Carlos, cujo talento mais fulgurante foi o Santo Antero de Quental, que chegou a ver na fusão ibérica o destino provável, e desistiu suicidando-se na praça pública da sua ilha natal; nem o sebastianismo imperial que teve em Mouzinho a referência nacional como herói da África, inspiradora do Hino da República, também escolhendo o suicídio.

Perdigão ligou-se mais a homens como Aquilino Ribeiro, Faria de Vasconcelos, Raul Brandão, Câmara Reis, Ferreira de Macedo, Raul Proença, organizou a Seara Nova

(1921), interessou-se pelas questões sociais, pelos problemas económicos, mas sobretudo foi um advogado excepcional sempre orientado pela “justiça natural”. Aluno brilhantíssimo da Faculdade de Direito de Lisboa (onde obteve sucessivamente as classificações de 19, 18 e 18 valores), sendo expulso pela defesa que assumiu do seu colega Augusto Cunha, foi terminar o curso na Faculdade de Direito de Coimbra, tendo sido aprovado com a classificação de “Muito Bom” com 18 valores. Não lhe tendo, apesar disso, sido aberta a carreira académica, também não foi atraído para a ação pelos grupos, mais ou menos organizados, que não concordavam com a longa duração da Constituição de 33. Mas foi dos que mais contribuiu para que, nesse tempo, de condicionamentos das divergências políticas, a advocacia e a Ordem dos Advogados, fossem verdadeiramente os *guardas dos guardas*, isto é, os vigilantes pelo respeito do direito, e sobretudo do direito que dissesse respeito às definições das Declarações de Filadélfia e da Revolução Francesa. Lembro, desse tempo, bastonários e advogados como Sá Nogueira, Palma Carlos, Francisco Gentil, Bustorf Silva, que sabiam que o *poder da palavra* podia vencer a *palavra do poder*. São inesquecíveis os debates que organizavam na Ordem dos Advogados, para enriquecer o estágio dos acabados de formar-se, tendo sempre em vista a problemática da época, com relevo nos tribunais ou, mais severos, sobre a discutível aceitação da legislação que era promulgada. Ficaram na lembrança de todos nós, os que aproveitámos desse método, a pontualidade com que lutávamos para ter lugar nas audiências em que intervinham os mais notáveis, ficando memoráveis as intervenções contraditórias de Perdigão e Bustorf Silva.

Nas comemorações da Constituição da República Portuguesa em vigor, a Ordem dos Advogados dedicou a Edição Especial do seu Boletim de Agosto de 2006, principalmente, ao problema dos *Direitos Humanos*, sublinhando Jorge de Miranda que, entre os contributos mais positivos da jurisprudência constitucional está “a densificação do princípio da dignidade humana”. A geração de advogados, à qual pertenceu Azeredo, sob definição bem diferente do regime constitucional, está presente nessa tradição lutando contra todas as dificuldades, pela defesa e manutenção da integridade da independência da Ordem, e dos seus membros. Faz parte do legado o nome de Perdigão, como membro do Conselho Geral (1945-1950) e como Presidente do Instituto da Conferência (1951-1954 e 1957-1960). Esta profunda intimidade com os problemas reais da sociedade portuguesa, formou a personalidade e carácter independentes do homem que em criança foi objeto de apelido ofensivo de “o ateu de calções”, porque não recebeu confessadamente a formação religiosa acrítica, que seus pais recusaram.

Lembro o Cardeal António Ribeiro, querido professor do meu inesquecível Instituto de Ciências Sociais e Políticas, a testemunhar o seguinte, inscrito no livro dedicado ao 1.º Centenário do Nascimento de Perdigão: “Certo dia... conversávamos – o Doutor Azeredo Perdigão, o Embaixador da União Soviética e eu – sobre o admirável progresso da ciência e da técnica em nossos dias e sobre a necessidade de *normas éticas*, na civilização contemporânea, de modo a que tal progresso não se volte contra o homem e a sociedade. No meio da conversa, o Dr. Perdigão retirou do bolso do seu casaco, as contas de um rosário, mostrou-as e disse para o Embaixador, representante de uma potência então oficialmente atea: “saiba, senhor Embaixador, se tenho forças para lutar, devo-o à oração deste terço, que diariamente rezo, quando me é possível”. Na sua formação e herança de advogado experimentado, sabedor, e livre, a substituição do *credo dos valores* pelo *credo do mercado*, que hoje anima o outono ocidental, não tinha adesão. Quando as circunstâncias o chamaram, sem aviso, para a grande intervenção no mundo global para o qual caminhamos, o primeiro anúncio foi o da independência quando, chamado, como causídico excecional, por Caeiro da Mata a visitar, no antigo Hotel Aviz, para ser consultado, Calouste Gulbenkian, respondeu que em Portugal “são os clientes que se deslocam aos escritórios dos Advogados e não estes a casa dos clientes”.

Assim começa, nesta sólida lembrança dos valores, a colaboração entre ambos, o arménio cuja terra afirma possuir, e exhibe, um pedaço da Arca de Noé, e o antigo menino chamado “ateu de calções”, que iriam realizar – com a Fundação a que o senhor 5% confiou a realização dos seus sonhos referentes ao mundo novo – com a preciosa colaboração do Professor Ferrer Correia, um dos mais ilustres juristas do seu tempo. Não vou demorá-los com o hábil mas difícil processo fundacional, mas também deixarei registado o que ouvi a Ferrer Correia: Perdigão falou com o Presidente Salazar, “informou-o da possibilidade da grande aventura que estava ao seu alcance, mas queria a garantia de que não haveria qualquer tentativa de influência na orientação e ação do projeto, da parte do Governo”. Esse acordo de cavalheiros (1995) foi respeitado. Mantendo-se como “advogado honorário”, a sua ação no sentido de acordar Portugal para o plano do avanço das ciências e das artes – que dera à Europa a denominação, hoje esmorecida, de “Luz do Mundo” – recusava aceitar que “a era europeia estava definitivamente terminada”, designadamente pela guerra finda com a Inglaterra esgotada, a França caída, a Alemanha vencida, um espaço dividido ideologicamente fazendo nascer a dúvida severa de se algum dia poderia recuperar o sonho da unidade. A

sua ação, que assentou na crença do “mundo único” e da terra “casa comum dos homens”, foi reconhecida por um inumerável conjunto de diversos governos e instituições, multiplicando-se os títulos universitários e as condecorações de todas as latitudes.

Mas isso não diminuiu o seu apego à terra que é a nossa, e à prioridade que dava ao desenvolvimento português. Por isso não resisto a descrever a alegria que sentiu ao receber o Doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra, cerimónia a que assisti, e que teve a imponência tradicional. Era então costume terminar o ato com um almoço no edifício da Universidade, em que participei. Depois de receber os merecidos elogios, Perdigão, em resposta, começou por dizer: “Magnífico Reitor, a Universidade repara hoje uma injustiça que me fez há quarenta anos.” A sua tese doutoral nacional, escrita na trabalhosa vida, estava designadamente no facto de os interessados esperarem sempre atentos pelo Relatório Anual da Fundação, que era um retrato fiel da real situação portuguesa anual.

Por tudo, no dia 27 de outubro de 1993, na Assembleia da República, eu ali na qualidade de deputado, ouvimos o Presidente da Assembleia da República, que entretanto nos deixou, o ilustre Barbosa de Melo, abrir a sessão declarando: “Senhores Deputados, da Ordem do dia de hoje consta uma sessão solene de homenagem ao Doutor Azeredo Perdigão”. Nela, cumprindo o que fora acordado em Conferência de Líderes, falaram André Martins (Verdes), José Calçada (PCP), Raul Rego (PS), e eu próprio, em nome do CDS, proferi uma intervenção, de que algumas referências hoje repetirei, terminando com a minha proposta que fizera e fora aprovada na Conferência de Líderes: “Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados: A primeira nota importante que nos parece dever ser evidenciada, ao meditar sobre as duas lições de vida de Azeredo Perdigão, é a da capacidade de intervenção e liderança da comunidade sem ter o poder político, sem aliança com o poder político, sem compromisso com o poder político. Pertenceu a uma das linhagens de varões ilustres que se perpetua em separado daquela que mais ocupa os historiadores do Estado e dos seus feitos e que, em permanência, inquieta os donos da soberania pela simples razão de que os dispensa com inquebrável dignidade. Nunca são muitos no mundo, e foram raros entre os portugueses, os que puderam exercer esta liberdade que encontra uma das suas melhores expressões no tipo normativo de advogado de um tempo não desaparecido e que teve a sua referência matricial no defensor de Luís XVI: levar à Convenção a verdade numa das mãos, e a cabeça na outra, pedindo que disponham da segunda depois de ouvir a

primeira. O homem sempre livre que toma sempre partido, sem cuidar de avaliar os riscos, porque apenas depende do seu próprio diálogo com a lei que Cícero dava por inscrita no coração dos homens, e quem lhe obedece é justo, e quem lhe desobedece é réprobo. A primeira vida exemplar de Azeredo Perdigão foi passada no foro, numa época em que o panorama dos tribunais era engrandecido, entre outros, por homens da estatura de Palma Carlos, Mário de Castro, Francisco Gentil, Sá Nogueira, Ramada Curto, Sá Carneiro, Bustorf Silva. As circunstâncias tinham feito declinar a oratória parlamentar, e a oratória sagrada, e anunciavam a morte da oratória forense, amarrada esta ao destino do júri, e desafiada pela expansão da advocacia preventiva que respondia ao crescer paralelo do Estado e das grandes empresas nacionais e multinacionais. Mas se aquela geração assumia com alta qualidade os desafios profissionais novos, mantinha a força do discurso, salvaguardava o carisma do tribuno, a perenidade dos valores, a estética das emoções. Recordo, por meados do século, o interesse e a excitação com que os estudantes de leis enchiam as salas de audiência do Velho Tribunal da Boa Hora, para assistir e aprender com as intervenções anunciadas desses profissionais exemplares. A figura de Azeredo Perdigão, sabedor das leis e da jurisprudência, conhecedor das minúcias dos processos que assumia, de memória rápida a responder às imprevisíveis circunstâncias da audiência, elegante na presença e no gesto, hábil no lidar com depoentes, preciso no discurso, usando uma cortesia fria em relação aos magistrados, preservando a lealdade nas relações com os colegas, destacou-se frequentemente como um primeiro entre iguais. Não é razoável deixar de lembrar, evocando essa sua primeira vida triunfante, o nome de Bustorf Silva, o seu tão habitual e brilhante contraditor nas lides forenses. Mais homem de barra este, para mim, o maior barrista do seu tempo, mais improvisador, mais arrebatado, mais força da natureza, mais pai Bustorf, ambos, em contradita, encheram a crónica judiciária de intervenções magistras, enriqueceram a história da luta pelo direito de combates exemplares, acrescentaram a tradição profissional de modelos de referência. Perdigão, o brilhante escolar da Faculdade de Direito de Lisboa, da qual foi disciplinarmente afastado, e da Faculdade de Direito de Coimbra, onde se licenciou, não viu as doudas corporações abrirem os seus claustros ao talento do licenciado insubmisso aos regimes político e da sociedade civil então vigentes. Socialista de Estado era como alguns o nomeavam, hesitantemente, nos meus tempos de frequentador do Instituto da Conferência, pela década de 40, onde ele partilhou generosamente o saber com os primeiros estagiários do novo regime de acesso à profissão. As disposições que tomou para o sepultamento

mostram como teria servido com amor a carreira universitária que lhe negaram, ao pedir para não o separarem nem da toga forense, nem do capelo e da borla doutorais. Estas últimas insígnias foram-lhe impostas em solene cerimónia com que a Universidade de Coimbra consagra, *honoris causa*, as personalidades que, a seu critério, se distinguem nas áreas que cultiva, e, neste caso, quando Azeredo Perdigão era já ativíssimo Presidente da Fundação Gulbenkian. No almoço habitual que se promovia na Reitoria, o novo Doutor *Honoris Causa* não conteve, como disse, este comentário melancólico: a Universidade repara hoje uma injustiça que me fez vai para 40 anos. As Universidades que o recusaram na altura em que a vocação o empurrava para os claustros, foram reunindo à sua volta, no decurso da segunda vida triunfante que viveu, a unanimidade rara que consagra os raríssimos benfeitores ecuménicos das artes, das letras, e das ciências. Quando assumiu as responsabilidades inerentes ao projeto que viria a ser a Fundação Gulbenkian, logo dando provas de um completo desinteresse material, porque abandonava a recompensadora carreira forense, tinha a reputação fundada e documentada de opositor ao regime da Constituição Política de 1933 e da oposição ao Chefe do Governo, mas foi em diálogo com este que recebeu a segurança da sua não intervenção, o que se baseou no respeito que pessoalmente inspirava e que foi suficiente para que o compromisso assumido nunca tivesse sido beliscado. Não se tratou de cedências, nem de submissões, nem de renúncia à diferença mantida intransigentemente, nem do interesse pessoal a sombrear a lembrança da contradição de concepções de vida que afastava os dois interlocutores. Foi antes um encontro na perceção do interesse nacional que devia presidir ao estatuto das fundações, foi depois a definição objetiva da moldura normativa a que as fundações devem obedecer, foi o respeito de ambos, Estado e Fundação, pela legalidade, obedecida com autenticidade e alto espírito de servir. Houve seguramente inquietações conhecidas com a força que a Fundação assumiu na vida portuguesa, mas elas foram de espíritos geralmente considerados preocupados com a integridade do regime, por vezes a dialogar pelas margens da revisão do Código Civil do Visconde de Seabra. Mas não houve aceitação de qualquer atrevimento, porque a autoridade, entretanto ganha por Azeredo Perdigão, o impedia, tal como depois a mesma autoridade seria uma salvaguarda da Fundação durante o período incerto que se seguiu à revolução de Abril de 1974. Por isso, apenas um conceito muito restritivo da política e do homem político, pode negar a Azeredo Perdigão um talento excepcional nesse campo. Note-se, primeiro, a arte de lidar com o poder político, em regimes tão diferentes, com sedes dissemelhantes, com pirâmides de

titulares tão diversas e contraditórias, salvaguardando a integridade do poder institucional alcançado e mantendo invioladas as fronteiras do seu exercício; depois, o talento da liderança, que lhe permitiu ao mesmo tempo desdenhar a carreira estadual das honras, impor-se como um elemento necessário da concertação entre o poder político e a sociedade civil, sempre pessoalmente distante e institucionalmente presente, enquanto cresciam e desabavam as trajetórias fugazes dos gestores do poder político. Entretanto, definia e executava um verdadeiro e único projeto cultural alternativo para o Portugal que amava e pressentia a caminho de alterações estruturais profundas e definitivas. Vem a tentação de o comparar com Luís António Verney, mas a marca que deixou é específica e inconfundível. Não escreveu qualquer Verdadeiro Método de Estudar, para ser útil à República e à Igreja, agindo porém sempre atento às necessidades de Portugal. Com diferente método, muito a lembrar a experiência do foro, os Relatórios da Administração da Fundação passaram a ser elementos essenciais para conhecer a realidade portuguesa e a sua evolução. Dessa avaliação dos factos partiam os projetos, verdadeiras alegações a favor de uma nova atitude perante a ciência, a cultura, as artes, as leituras da vida, as promessas de novos futuros. Foi por isso o responsável por uma nova definição dos estrangeirados, abriu caminho aos talentos, sem cuidar de consultar ideologias, amparou as universidades e os centros de investigação, pugnou pelos centros de excelência, e não pareceu necessitar de outro apoio humano senão o de Madalena Perdigão, culta, criativa, serena, discreta, inesquecível. Percebendo e antecipando as alterações estruturais da comunidade internacional e do Império, os serviços e as ações desenvolvidas em direção ao Brasil e aos territórios de África definiram, sobre o terreno, um dos primeiros anúncios da urgência de substituir a função soberana secular em extinção, pela reorganização do convívio, do pluralismo cultural sobrevivente nessa área em que o sincretismo não deixava apagar os valores da cultura portuguesa. Foi uma longa vida cuja lembrança vencerá a habitual curta memória dos homens e até dos povos. Não foram muitos os portugueses com igual privilégio de marcar positivamente a história das ciências e da cultura, contribuindo para o fortalecimento da nova aliança entre as duas vertentes, nova aliança que as perplexidades e perigos deste século reclamam. Tendo uma clara e rigorosa perceção do globalismo da época, do internacionalismo crescente, da redefinição compulsiva das funções históricas dos Estados, serviu com igual amor os valores universais e os valores da Nação que amava, incansável na tarefa recompensada de conseguir a harmonia que lhe inspirava um sentido cristão da vida. Foi um benemérito da Pátria!” Na Assembleia da República o

órgão da soberania indicado para o reconhecer e proclamar, em nome de um grupo de Deputados, tive a honra de entregar esta proposta na Mesa da Assembleia. Tal proposta, acordada na referida conferência dos líderes, e por isso assinada pelo Presidente da A.R., foi publicada no Diário da República n.º 39/93, e diz o seguinte: “A A.R., na sua reunião de 29 de Novembro de 1993, resolveu, nos termos do artigo 189, n.º 5 da Constituição: o Doutor José de Azeredo Perdigão é considerado benemérito da Pátria”. Espero que a maioria dos vivos não deixe esquecer a decisão que inscreveu o seu nome na limitada galeria dos que receberam esta consagração.

*(Comunicação apresentada no Ciclo de Conferências
Calouste Gulbenkian. Tributo da Academia das Ciências por ocasião
do 150.º Aniversário do seu Nascimento a 15 de outubro de 2019)*

A CONTRIBUIÇÃO DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN PARA A CIÊNCIA EM PORTUGAL

João Caraça

A contribuição mais decisiva por parte de uma instituição filantrópica para a sociedade é talvez o nível e alcance da sua produção cultural, isto é, a medida em que consegue mudar e estabelecer novos valores, atitudes e comportamentos.

Pensar na acção desenvolvida e na contribuição para a ciência da Fundação no último século leva-nos naturalmente e sem sobressaltos a pousar os olhos sobre as próximas décadas. É este o efeito criativo do passado e a razão pela qual percebemos como só aqueles que criam memória são capazes de aprender (deixando de reagir única e simplesmente de forma mecânica aos agentes exteriores). O tempo não passa de uma convenção que orienta a produção de conhecimentos e ilumina o intervalo que ocupamos neste mundo: nunca somos mais do que nós e a nossa circunstância, como muito pertinentemente observou Ortega y Gasset.

Pode-se dizer sem rodeios que a Fundação Calouste Gulbenkian, desde a sua instituição em 1956, contribuiu de modo decisivo para transformar a sociedade portuguesa. É muito importante, pois, reflectir sobre se e como poderá continuar a fazê-lo, tendo em conta as poderosas forças que se defrontam no palco deste planeta no presente século.

Em termos de política científica, existem dois grandes períodos na segunda metade do século XX em Portugal: o antes e o depois da entrada na Europa. O início da participação plena nas comunidades europeias marca uma nova fase da vida científica em Portugal. Naturalmente, esta evolução da principal condicionante contextual da acção da Fundação no campo da ciência induziu, na prática da sua actividade, diferenças que nos levam a poder encará-la igualmente como respondendo a duas situações distintas, marcadas pela adesão à Europa, ou seja, à passagem de uma “cultura de autarquia” para uma “cultura de abertura”.

Como se podem, pois, caracterizar os dois períodos da actividade da Fundação nesta área, o anterior e o posterior a 1985? Conforme se refere no volume comemorativo do primeiro quarto de século da Fundação, havia desde o começo duas grandes direcções: (i) a da formação avançada e do apoio a jovens investigadores prometedores; e (ii) a do reforço infra-estrutural pela criação e financiamento de instituições e de equipamento científico. A participação nas comunidades europeias e o

desenvolvimento económico do país com as novas condições sociais e políticas implicaram orientações de carácter diverso para a acção nos 35 anos que decorreram até hoje, que se podem sumarizar como: (i) a da formação avançada e do estímulo aos jovens para a actividade de investigação; e (ii) a da intervenção estruturante através do financiamento de programas e projectos disciplinares e transdisciplinares e de apoio à comunicação, à mobilidade e ao intercâmbio científicos.

Se a linguagem mudou, existem razões para tal – a clara diferença entre os recursos financeiros à disposição da Fundação e os orçamentos e fundos que os grandes actores públicos nacionais e europeus na área da ciência passaram a dispor. Porém, a atenção concedida à preparação científica e à dinâmica do conhecimento pela Fundação foi uma constante do período mais recente que, certamente, continuará a ser privilegiada com a mesma intensidade no futuro próximo.

O apoio à ciência – um dos seus fins estatutários – nasceu com a Fundação. Desde o início, o Serviço de Ciência e o Conselho Consultivo de Ciência empenharam-se na formulação de um projecto de criação de um Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), concebido como local de concentração de trabalhadores científicos devotados totalmente à investigação em áreas diversificadas, para as quais fosse possível reunir uma massa crítica de especialistas qualificados em reconhecidos centros estrangeiros. Pode-se afirmar que o IGC contribuiu poderosamente para que se legitimasse, no país, a figura de investigador científico como profissão autónoma.

Mas abundam outros exemplos da acção da Fundação no campo do reforço estrutural do sistema de ciência e tecnologia: o incentivo ao ensino e à investigação em áreas novas, à época, em Portugal, inscrevendo-se nesta linha igualmente a preocupação com a inovação e a compreensão pública da ciência.

Por outro lado, a acção de apoio à formação avançada e a grupos de investigação formados por jovens doutorados consubstanciou-se numa constante atenção dada à actividade científica nos departamentos e nos centros do sector do ensino superior no país. O apoio à aquisição de equipamentos científicos, centrais ou ligados a projectos, foi um importante contributo para a generalização de uma cultura da experimentação, quer nas áreas mais básicas, quer nas aplicadas. Pode sem dúvida afirmar-se que não houve escola superior que, nas suas áreas ligadas à investigação, não tenha recebido alguma medida de apoio da Fundação durante as primeiras cinco décadas da sua existência.

A ciência está cada vez mais presente na transversalidade das problemáticas que envolvem a participação de qualquer fundação privada consciente do valor da sua intervenção. A actividade científica tornou-se um vector essencial para compreender os sistemas complexos que caracterizam o funcionamento das sociedades contemporâneas que, pelo seu carácter intensamente tecnológico e interactivo, constituem também uma fonte de acrescida vulnerabilidade.

De facto, não há grandes temas do presente em cujo equacionamento não intervenha a ciência: dos oceanos às alterações climáticas, do ambiente à saúde pública, do desenvolvimento à exclusão social, da utilização racional dos recursos à gestão eficaz de grandes sistemas tecnológicos. Um considerável esforço de entendimento generalizado das questões que envolvem a actividade científica torna-se, pois, central, quer para a própria ciência, quer para todos os cidadãos.

Nestes termos, a acção que a Fundação Calouste Gulbenkian desenvolve com eficácia corresponde a uma intervenção na variável “tempo”, isto é, na fronteira da prática societal. Ou seja, actua estimulando o funcionamento de centros de racionalidade e de reflexão sem fronteiras nem preconceitos, bem como promovendo projectos de excelência ou de carácter inovador. Ou, ainda, apoiando a valorização de uma atitude científica na operação e no questionamento do quotidiano.

É hoje insofismável que o sistema de inovação das sociedades avançadas se baseia na ciência. O impacto económico das tecnologias de base científica criou a necessidade de repensar o modo de descrever o espaço e as dinâmicas do conhecimento. Mas as novas condições surgem acompanhadas por um avolumar de crises, incertezas e instabilidades, num contexto de crescimento demográfico, de mudanças climáticas e de uma renovada percepção das desigualdades.

O reforço da capacidade da sociedade civil passa por enfatizar o valor da racionalidade e do espírito crítico como contributos para a sustentabilidade. Os comportamentos que garantem o exercício pleno de cidadania têm necessariamente que acolher os germes de mudança que transportam o futuro.

É naturalmente preciso continuar a garantir a qualidade da formação de alto nível mas, mais ainda, a fornecer uma grelha de leitura que permita entender o papel da comunicação e da circulação intensificada de conhecimentos em todos os media na redefinição dos processos participativos portadores de solidariedade e de coesão social.

Sem a participação dos cidadãos não há democracia. Por este motivo, ou se aprofundam as bases científicas do conhecimento sobre a sociedade, sobre a natureza e

sobre o próprio ser humano, ou não haverá solidariedade para com os outros, nem para com as gerações futuras. É preciso afastar decididamente a ignorância e a superstição que sempre se insinuam.

Programas de estímulo à descoberta de talentos em matemática, em tecnologias quânticas e em inteligência artificial encontram-se activos e são altamente procurados. O I.G.C., realizando investigação de fronteira em biologia e biomedicina, tem dado valiosos contributos nas áreas da evolução e do desenvolvimento, do envelhecimento, da imunologia e das neurociências. Nele trabalham 300 investigadores, metade deles doutorados. Por outro lado, a Fundação tem realizado exposições científicas de nível internacional para todos os públicos, tais como *O Engenho e a Arte*, *O Mundo às Várias Escalas*, *À Luz de Einstein*, *Ingenuidades*, *A Evolução de Darwin*, *360 graus Descoberta da Ciência*, *Cérebro – Mais vasto do que o Céu*.

A Fundação Calouste Gulbenkian tem, no apoio à investigação, à circulação e à utilização dos saberes argumentativos – da ciência às ciências sociais e à filosofia – um papel insubstituível a desempenhar nos tempos presentes. Esta escolha de uma reflectida e racional avaliação da esperança dará uma contribuição, sem dúvida, para fazer emergir uma sociedade em que todos queiramos viver.

(Comunicação apresentada no Ciclo de Conferências Calouste Gulbenkian. Tributo da Academia das Ciências por ocasião do 150.º Aniversário do seu Nascimento a 21 de outubro de 2019)

O PAPEL DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN NO SECTOR DA EDUCAÇÃO²

Eduardo Marçal Grilo

A Educação constitui, por testamento do fundador, um dos sectores prioritários de atuação da Fundação Calouste Gulbenkian.

Desde o lançamento desta instituição em 1956, a Fundação tem vindo a desenvolver um vasto conjunto de iniciativas, programas e projetos dedicados ao sector da Educação.

De entre os mais destacados contam-se algumas iniciativas que merecem um destaque especial, como sejam o Projeto de Bibliotecas Itinerantes criado logo na década de cinquenta e o Programa de Bolsas de Estudo que foi iniciado praticamente em simultâneo com a aprovação dos estatutos da instituição.

São seguramente duas das iniciativas mais emblemáticas da Fundação, uma vez que as bibliotecas itinerantes cobriram praticamente todo o país desde o continente até aos arquipélagos dos Açores e da Madeira, e as bolsas de estudo proporcionaram a muitos milhares de estudantes a possibilidade de prosseguirem os seus estudos tanto em instituições portuguesas como estrangeiras.

As bibliotecas foram frequentadas por milhões de leitores que tiveram a oportunidade de ler centenas de milhares de livros, enquanto as bolsas de estudo se tornaram um dos principais instrumentos de modernização das universidades portuguesas através de todos aqueles que frequentaram universidades estrangeiras onde obtiveram graus de pós-graduação, designadamente mestrados e doutoramentos.

Quando a partir dos anos oitenta a Fundação alterou a sua política em relação às bibliotecas itinerantes, foram estabelecidos acordos com os diferentes municípios das regiões onde existiam bibliotecas itinerantes, municípios estes que acolheram os espólios disponíveis em bibliotecas municipais tendo a Fundação passado a apoiar estas bibliotecas tanto técnica como financeiramente.

Mais tarde a Fundação lançou igualmente um programa para apoio à rede de bibliotecas escolares que em paralelo com as bibliotecas municipais passaram a poder concorrer anualmente a concursos destinados à obtenção de financiamentos para projetos inovadores no âmbito da promoção do livro e da leitura. O programa de bolsas de estudo ganhou uma dimensão apreciável e uma grande diversidade, cobrindo

² Notas da apresentação.

designadamente (i) estadias de curta e longa duração tanto para a realização de cursos conducentes à obtenção de graus (mestrados e doutoramentos) como para a participação em cursos de especialização ou para a participação em congressos e seminários, (ii) apoios a estudantes estrangeiros que estudem temas relacionados com Portugal, (iii) bolsas de mérito para estudantes do ensino superior que tenham classificações acima de determinado patamar e que em simultâneo apresentem dificuldades económicas, (iv) apoios a estudantes de sectores específicos como a matemática, (v) bolsas para estudantes dos Países de Língua Portuguesa que estudam em instituições portuguesas, (vi) bolsas para estudantes das áreas artísticas e ainda (vii) apoios específicos a personalidades que desenvolveram estudos e trabalhos conducentes à publicação de obras com manifesto interesse para o país.

As bibliotecas e as bolsas foram duas iniciativas que tiveram um carácter nacional e que foram acompanhadas de outras com as mesmas características, nomeadamente a criação de Conservatórios de Música e de Residências para Estudantes do Ensino Secundário. Foram então criados na década de sessenta os Conservatórios de Música de Braga e de Aveiro e as Residências de Bragança e Castelo Branco. Estes projetos que tinham como intenção expandir-se para outras regiões do país vieram, no entanto, a ser abandonados na década de setenta devido aos excessivos encargos financeiros que acarretariam para a Fundação.

O papel da Fundação ganhou também grande relevo em áreas muito relevantes para o sector da educação como foram a produção de manuais universitários, a conceção de manuais escolares em diferentes áreas científicas, o apoio a cursos de formação de professores, a introdução de novas tecnologias em sala de aula, o apoio técnico e financeiro a projetos pedagógicos inovadores nas escolas dos ensinos básico e secundário, a formação de bibliotecários, o lançamento de iniciativas para estruturação de intervenções no pré-escolar e nos zero aos três anos (*early childhood*), a realização de grandes conferências internacionais sobre temas educativos (autonomia das escolas, ensino da matemática, gestão dos estabelecimentos de ensino, ensino artístico ou novas tecnologias) e a criação de um *site* destinado a professores e que cobriu diversas áreas científicas como matemática, física, química, biologia e geologia.

Refira-se que este *site* se tornou uma das mais relevantes plataformas de contacto entre professores e um dos instrumentos com maior impacto na troca de experiências pedagógicas nestas áreas científicas.

O Plano de Edições foi outro programa que se revestiu da maior importância no sector das publicações pois envolveu não apenas a produção de manuais universitários mas também a publicação dos grandes autores clássicos e uma série de obras apresentadas como resultado de projetos conduzidos pela Fundação nos mais diversos domínios desde o projeto de gestão das cidades até aos *proceedings* das conferências realizadas pelos diferentes sectores da atividade da Fundação.

Sublinhe-se que a edição dos autores clássicos teve a particularidade de os textos serem traduções feitas a partir das línguas originais, realizadas sob a coordenação superior da Professora Maria Helena da Rocha Pereira, o que trouxe a estas publicações uma qualidade científica distinta em relação a outras publicações existentes no mercado.

De referir ainda como contributos para o sector da educação a realização de exposições sobre livros e autores portugueses consagrados, bem como a realização de ciclos de conferências com alguns grandes nomes da literatura mundial.

A nível da cooperação com os países africanos de língua portuguesa importa também mencionar o trabalho realizado pela Fundação (i) no apoio à formulação das políticas educativas dos cinco países, (ii) na elaboração de programas e de manuais escolares, e ainda (iii) na concepção e realização de cursos para formação de professores que tiveram lugar tanto em Portugal como nos países de origem dos participantes.

Para a realização de todos estes programas e projetos a Fundação contou com a colaboração de centenas de professores e educadores das escolas, universidades e institutos politécnicos.

Os grupos de trabalho que a Fundação constituiu para a realização dos diferentes projetos enunciados são os principais responsáveis pela qualidade dos resultados obtidos, sendo hoje evidente que muitas instituições portuguesas da área da educação estão numa situação muito diferente daquela que teriam se não estivessem estado envolvidas nos projetos lançados pela Fundação.

Como nota final quero deixar claro que considero o trabalho desenvolvido pela Fundação como um dos factores mais significativos na evolução muito positiva da educação em Portugal desde a educação pré-escolar até ao ensino pós-graduado das nossas universidades.

(Comunicação apresentada no Ciclo de Conferências Calouste Gulbenkian. Tributo da Academia das Ciências por ocasião do 150.º Aniversário do seu Nascimento a 21 de outubro de 2019)

O SONHO GULBENKIAN DE UM *JARDIN À MA FAÇON*; ENTRE LISBOA E DEAUVILLE

Cristina Castel-Branco³

Aos 60 anos Calouste Gulbenkian queixa-se: falta-lhe a criação de um *jardin à ma façon* (jardim à minha maneira). Aos 70 compra uma propriedade na Normandia onde inicia o seu paraíso. Interrompido e bombardeado pela guerra, *Les Enclos* vai ocupar a última década de Calouste Gulbenkian numa ininterrupta persistência de criar um jardim à distância descrevendo o que deseja; romântico, com muitas árvores, sem decorações que reduzam a beleza natural. Desde 1942 Lisboa cativara-o como refúgio de guerra, Paris deixara de ser a sua âncora, e não encontra um arquiteto paisagista; o seu jardim à distância não o satisfaz.

Em simultâneo, como um conto fantástico, surge um jardim imaginado em 89 cartas trocadas com o seu amigo St John Perse, exilado em Washington. Através de poéticas descrições, recomendações botânicas, orientações de quem conhece a Normandia, os dois amigos deleitam-se a criar um jardim sonhado. Na década de 60, o jardim da Fundação Gulbenkian em Lisboa, modernista e ecológico, assinado por arquitetos paisagistas portugueses, cumpre de perto o desejo do *jardin à ma façon*.

When he was 60 Calouste Gulbenkian complained about a missing part of his creations; a garden à ma façon (his way). At 70 he buys an estate in Normandy where he begins to create his paradise. Interrupted by war and bombarded Les Enclos will be a concern of his last 10 years in an uninterrupted persistence to create a garden from far away. He describes his wishes; romantic, no decorations that would reduce the natural beauty. Since 1942 Lisbon attracted him as a refuge from war, Paris is no longer his anchor and he can't find the right landscape architect. The garden stays beyond his expectations.

Simultaneously, as a fairy tale, an imaginary garden appears in the correspondence with his exiled friend in Washington. Through poetic descriptions, botanic recommendations and orientations from St John Perse, who knows well Normandy, the two friends enjoy the creation of a dreamed garden. During the 60's the modernist and ecological garden of Fundação Calouste Gulbenkian designed by two portuguese landscape architects seem to have reached the dream of the 'jardin à ma façon'.

³ Universidade de Lisboa

*

“Será que vai à Normandia interrogar a alta sagesa dessas grandes árvores? [...] o que resta de tudo isso? e o que aconteceu dos seus projetos de arranjo e melhoria em processo de concepção ou de realização? Tanto que eu gostaria de o ouvir a sonhar como paisagista ou como compositor.”⁴

St. John Perse para Calouste Gulbenkian (carta de 1949)

1- Os documentos que revelam o Homem, o paisagista que cruza a Arte com a Natureza

Para abordar o assunto onde incide a nossa atenção, três peças do arquivo e espólio que nos legou Calouste Gulbenkian (CG) se tornaram catalisadores para a compreensão da sensibilidade do grande homem dos petróleos pelos jardins e pela Natureza.

A primeira, ouvi-a com surpresa, lida por Rui Vilar no lançamento de um livro que escrevi sobre a vida de Brotero, editado pela Fundação C. Gulbenkian em 2005. CG havia confessado que uma área da sua vida, as Ciências, e a criação de um jardim à sua maneira, tinham ficado sem sucesso.

Fiquei curiosa e com vontade de perceber melhor como teria assim falhado o nosso maior benemérito da cultura numa área — a dos jardins — que está à mão de qualquer mortal e costuma ser apanágio de milionários cultos e sensíveis. No livro que Azeredo Perdigão publicou em 1979 sobre CG Colecionador, esta mesma frase completa permite-nos melhor compreensão da ideia.

Em 1928, com 61 anos CG visita Sevilha onde se fascina com os jardins do Alcazar e, ao sair do jardim El Retiro do Duque de Aveiro, a emoção estética que o encantou levou-o a fazer esta impressionante confissão: *“A propriedade não é grande mas saí de lá com a pena de nunca ter possuído um jardim destes na minha vida: homem de ciências e sonhador num jardim feito à minha maneira, são duas coisas dos grandes objectivos da minha vida que não consegui alcançar, pobre de mim de quem tantos têm inveja!...”*

⁴ *Irez-vous en Normandie interroger la haute sagesse de ces grands arbres ?[...] que reste-t-il de tout cela et qu'est-il advenu de tous vos aménagements en voie de conception ou de réalisation? J'aimerais vous entendre rêver de paysagiste ou de compositeur.*

A afirmação indica que há um gosto e uma sentida frustração por não ter conseguido aprender as Ciências Naturais e realizar os seus talentos como crítico — com o benefício de ser o proprietário — da arte paisagística. O poderoso Calouste Gulbenkian que conseguiu quase tudo o queria nos negócios e na aquisição de obras de Arte ainda terá vida para tentar criar um jardim “*à ma façon*”? É com esse ensejo que irá comprar o princípio do sonho em 1937: Les Enclos, uma grande e antiga propriedade na Normandia sobre uma encosta com vista para o mar.

A segunda peça é uma confissão que nos é dada pela forma como CG em 1942 em Lisboa, recomenda por carta ao seu neto, a estudar em Inglaterra, que não se esqueça de alimentar uma boa relação com a Natureza. Um parágrafo surpreendente, uma revelação da sensibilidade de CG plena de muita ternura: “*Gostaria também de o ver tornar-se um grande amigo da natureza, pois ao estabelecermos laços de certa intimidade com a natureza trazemos profunda satisfação à vida. E a natureza, se o homem souber compreender e apreciar todos os seus segredos torna-se um refúgio benfazejo.*”

Alegrias que evidentemente o Avô Calouste saboreou na sua vida, e intimidades com a Natureza que lhe deram também, obviamente, profunda satisfação. Temos aqui um quadro novo para perceber melhor CG na sua relação com os jardins onde a Natureza se nos oferece domesticada, sim, mas sem nunca perder “os seus segredos”.

A terceira peça foi encontrada nos arquivos da Fundação quase por acaso e é mais misteriosa e surpreendente. Trata-se de uma caderneta predial relativa a uma quinta em Sintra — paraíso de jardins e Natureza, a Vila Sasseti, cujo registo mais antigo se reporta a 1942 e logo seguido de uma alteração de proprietário em 1955 (ano da morte do Sr. Gulbenkian). Esta quinta e palacete do final do século XIX, a meia encosta entre o Palácio da Vila e o Castelo dos Mouros foi a casa onde viveu a Sra. D. Isabel Armanda Luísa Real⁵, conhecida por Madame Real, que à morte do Senhor Gulbenkian passa a ser a proprietária da Villa Sasseti.

⁵ Isabelle Armande Louise Riehl originalmente de nacionalidade francesa mudou de nome e de nacionalidade em 1942 quando vem residir para Portugal. Nasceu em Paris em 1904, morreu em 1981 em Sintra, tem um procurador Rui Cunha a quem escreve múltiplas notas e cartas, escritas a roxo que confirmam uma pensão entregue pelo Sr. Gulbenkian à Madame Real. Rui Cunha ao pedir o aumento de pensão já à Fundação Calouste Gulbenkian relembra (carta 14/2/1964) “...conhece a dedicação e colaboração que a minha constituinte prestou ao benemérito Sr CG, colaboração de 25 longos anos que fielmente se manteve e que teve o seu início nos conturbados dias que se seguiram à deflagração da 2ª Grande Guerra.”

No *site* da Câmara de Sintra⁶ apresenta-se a história da Vila Sasseti indicando Carlos Sasseti (que surge na caderneta acima mencionada) como um dos herdeiros da fortuna de Victor Sasseti que morre em 1915 e lê-se “A vila Sasseti foi então alugada ao milionário arménio, Calouste Sarkis Gulbenkian, até à data da sua morte em 15 de Setembro de 1955. Carlos Sasseti, após a morte de Gulbenkian, vendeu a quinta a Isabel Armanda Luísa Real”⁷ conforme se vê na caderneta. No *site* da Serra de Sintra consta o seguinte quanto à cronologia da Vila Sasseti:

“Década de 40 – terá sido habitada ocasionalmente por Calouste Sarkis Gulbenkian.

1955 – 15 Setembro – a casa é vendida a Isabel Armanda Luísa Real, por 300.000\$00.” 1955 – 27 Setembro – pedido de licença de ampliação da casa pela nova proprietária [...]”⁸

A vida privada do Senhor Gulbenkian foi sempre mantida em grande confidencialidade e por isso não sabemos quem era a Madame Real na vida de CG, e ainda menos se terá vivido ou convivido com ela na Vila Sasseti, mas interessa referir que o conhecimento da Serra de Sintra, íntimo para quem lá tem uma casa e a conhece ao longo das estações, vive os seus jardins embebidos na natureza romântica da serra e da vista para o mar, poderá ter ajudado CG a definir para Les Enclos com tanta certeza e vontade expressa ao seu arquiteto que o jardim “*à ma façon*” deveria ser um jardim romântico respeitando a beleza e as formas naturais.

A Quinta da Amizade, como também é conhecida, é uma belíssima peça de arquitetura do século XIX e insere-se na paisagem, a meia encosta da vertente Noroeste da Serra de Sintra com vista para o mar, para o Palácio da Vila e para a Quinta da Regaleira (fig.1). A Vila mantém com a Regaleira uma afinidade fraternal, pois ambas foram desenhadas por Manini o grande cenógrafo, que vem de Milão para o S. Carlos e que faz parte da corte culta de D. Fernando Saxe-Cobourg-Gotta, onde o gosto pela música, pelos jardins e pelas arte tão bem antecipam a marca cultural de CG em Portugal.

⁶ <http://paisagemcultural.sintra.pt/patrimonio/area-classificada/arquitetura-aulica/198-quinta-da-amizade>

⁷ Site da CMSintra

⁸ <https://serradesintra.net/> [2020-11-15]



Fig. 1 — Vista da Vila Sassetti

Quantas vezes terá CG gozado desta propriedade, gerida e usufruída por Madame Real? Não temos mais do que a caderneta e o conhecimento dos jardins e palacete recentemente restaurados pelos Monte da Lua/Parques de Sintra e agora abertos ao público.

Estes são as peças escritas através das quais iremos tentar perceber como Gulbenkian tentou realizar o sonho de ter um jardim “à *ma façon*”.

É claro que foi imprescindível para a interpretação da história, do local e dos documentos, uma análise do próprio jardim de CG, com visitas a *Les Enclos* em Benéville, perto de Deauville na Normandia (fig.2), para sentir e perceber o local do sonhado jardim de Calouste Gulbenkian.

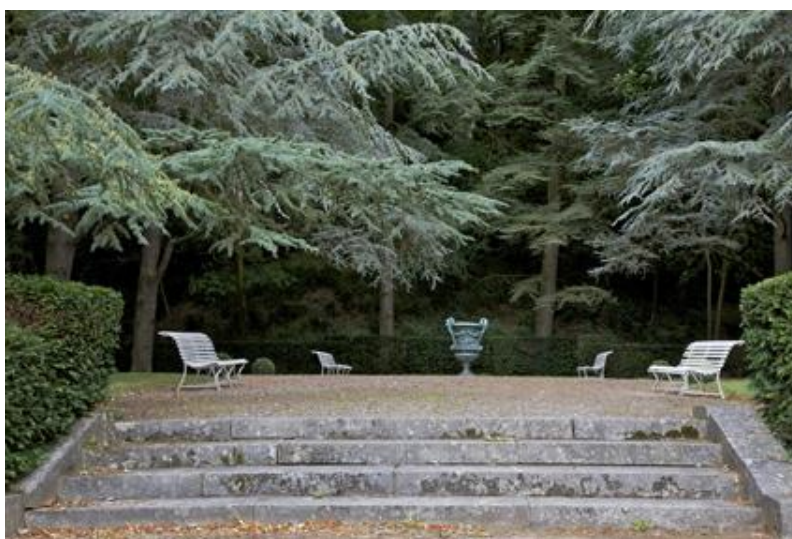


Fig 2 — Les Enclos em Benerville, construído a partir de 1949 por e para Calouste Gulbenkian

Esta conferência estimulou a pesquisa, que se vinha arrastando, e por isso um agradecimento é devido à Dr.^a Salomé Pais e ao Prof. Adriano Moreira, que através deste ciclo de conferências, nos levam a homenagear Calouste Gulbenkian a quem tanto devemos, como ontem bem nos demonstraram o Dr. João Caraça e o Dr. Marçal Grilo.

Ao relembrar a sua vida, aproximando-nos dele, prestamos-lhe um agradecimento sentido. A investigação da sua biblioteca pessoal também revela um interesse acima do normal pela arte de jardins e pela horticultura e jardinagem, de tal forma que faz inveja a qualquer Arquiteto paisagista de profissão pois todos os tratados que são realmente importantes na História da arte de jardins e na arte de construir jardins desde o século XVIII, lá se encontram⁹.

Para além dos documentos referidos, existe ainda um mar de informação nas cartas trocadas entre Alexis Leger e Calouste Gulbenkian, que revelam o gosto pela natureza e a empenhada procura da criação de um jardim. Teresa Nunes da Ponte, que acompanhou na Fundação C. Gulbenkian já no século XXI as relações com Les Enclos, escreve: “*o culto da Natureza e o gosto da contemplação revelam-se nos seus arquivos e na sua biblioteca pessoal... e de um registo de visitas a jardins ...*”.

Enfim, todo o legado de Gulbenkian se visita e se lê com gosto e a investigação sobre o “paisagista” Gulbenkian vai sendo feita nas suas variadas facetas, através de um rico espólio acessível no seu arquivo e espalhado pelo mundo como bem nos apresentaram Nuno Vassalo Silva e Rui Vilar.

2- A história de Les Enclos

Para criar o jardim “*à ma façon*” Calouste Gulbenkian comprou uma propriedade pertencente desde 1775 à família Bicherel. Jean-Michel Bicherel, conselheiro auditor na *Cour des comptes* em Rouen, casa em 1742 e instala-se no seu «*Logis de campagne*», a sua casa de campo, no *Domaine des Enclos*¹⁰. Construção imponente, de forma rectangular, é implantada na meia encosta em frente da abertura visual do “*trouée de Villers*”, com três andares e um terraço, donde se goza de uma vista panorâmica sobre o mar e a costa de Blonville.

Bicherel morre sem herdeiros, a propriedade é vendida e passa para o Conde de Blagny em 1815, e em 1900 para Charles Louis Baillères, membro de uma célebre família de editores de Paris, que decide, como tantos homens ricos dessa época,

⁹ Extrato da lista de livros do Sr. Calouste Gulbenkian (reservados) da Biblioteca Gulbenkian.

¹⁰ Normand, Jardins et littérature, IEPJ, 2019

tornar-se agricultor. Vai viver para o *Le Château des Enclos* com a mulher, cinco crianças e dezasseis empregados ao serviço da família e da quinta. Em 1934 o *château* passa a ser uma pensão gerida pela família como Hôtel, iniciativa que não teve sucesso pois de facto Deauville e Benerville são pequenas vilas de veraneio e só no Verão aumentam de população, não havendo procura durante o resto do ano.

A compra da propriedade por CG ocorre em 1937 por um valor de 1.314.580 francos, e uma área de 23 hectares. Vão-se emparcelando mais terrenos envolventes até atingir 33 hectares em 1938, ano em que CG manda destruir o *château*, e começam os trabalhos de implantação do jardim, sob a batuta de Achilles Duchêne (1866-1947), com a particularidade de se manter a zona plana do campo de ténis do l'Hôtel transformada num roseiral: *La Roseraie*.

Se tudo tivesse corrido bem o *parc les Enclos* teria sido o jardim “à ma façon” que CG sonhava e estaria agora com o seu rico *pedigree* a fazer parte das *Demeures Historiques de la Basse Normandie*. Teria no seu brilhante *curriculum* o facto de ter sido o Jardim de “*Monsieur 5%*”, o homem mais rico da sua época, colecionador e crítico de arte, homem de grandes negócios que escolhera a Normandie como o seu paraíso. Mas de facto, nada correu muito bem.

Nos arquivos da Fundação Gulbenkian surge, em 1938, uma lista de instruções duras e em tom zangado com as recentes plantações de árvores e sebes. O Sr. Gulbenkian encarrega então um tal Monsieur Duprat de novas plantações, transplantes, e de se desfazer de árvores que não lhe convêm. Manda examinar as macieiras e os tratamentos que necessitam, as adubações e a terra vegetal que se possa encontrar na própria área de Les Enclos para evitar despesas e transporte.

Manda-o também estudar atentamente o local das plantações futuras e a forma de remediar o erro cometido (por quem?) no prado dos Cavalos onde os cedros foram plantados em dissonância com o enquadramento.

“Essas árvores deverão ser transplantadas no Outono. As árvores plantadas no planalto são muito pequenas. Não se poderia alternar com árvores maiores para corrigir o ‘magro’ efeito do conjunto? IMPORTANTE: evitar a plantação de árvores pequenas.

Estudar a questão das vedações: deveriam ser plantadas com pilriteiro espinheiro, roseiras e azevinho e toda a especie de arbusto de flor e de espinho de forma a vedar o acesso à propriedade. [...] Evitar ao máximo

*trabalhos de escavação e aterro. Aproveitar as irregularidades, os buracos e os valados no terreno... ”*¹¹

Com os dados dos arquivos de Deauville¹² sabemos que em 1939 Calouste Gulbenkian encomenda o desenho de *villa*, ou seja, uma moradia «*Art Déco*», a Charles Letrosne, arquiteto-chefe da l'Exposition Universelle de Paris de 1937 e ao seu filho Daniel.¹³ Uma vez os planos e orçamentos aprovados, a empreitada foi entregue à Construtora Rousseau, de Deauville. Mas aqui também tudo irá correr mal: a declaração da 2.^a Guerra Mundial suspende tudo e o lançamento da obra não se faz. O pior ainda estava para vir, pois a proximidade entre Les Enclos e as baterias do Mont Canisy levam a que o exército alemão ocupe o parque em 1939 e aí construa abrigos subterrâneos na parte superior da propriedade e muitas das árvores são então abatidas.

Nos documentos surge uma personagem que será determinante para o desenrolar da história dos Enclos. Trata-se de Garkis Selian, regente agrícola que toma conta como feitor de Les Enclos a partir de 1939. É primo de Calouste Gulbenkian e durante a ocupação alemã, em 1942, é feito prisioneiro e transportado para o campo de concentração de Compiègne, em França. Uma troca de prisioneiros permite-lhe passar para os EUA e permanecer em Brooklyn, Massachusetts, donde muito escreve a CG percebendo-se o entusiasmo que sente na perspectiva de voltar a Les Enclos para aplicar o que de horticultura ali aprendeu. De facto, durante a sua estadia em Massachusetts aprende e testemunha a criação de parques, e a importância do conhecimento botânico e hortícola¹⁴ na composição dos jardins.

A Guerra Mundial intensifica-se durante abril e maio de 1944 e bombardeamentos aéreos devastam Les Enclos, destruindo o que havia de casas e jardim. Nesse ano em dezembro, numa carta saída de Lisboa, para o Ministro dos

¹¹ Fundação Calouste Gulbenkian, Biblioteca de arte e arquivos, documento do mês, Agosto de 2019 “A propriedade de ‘Les enclos’ na Normandia”, in *Calouste S. Gulbenkian 150 anos*, Lisboa p.5.

¹² Normand Philippe, *La feuille et la plume in Jardin et Literature, Institut Europeen des jardins & Paysages, actes du colloque 2019*, Caen, p. 239 *Jardins et littérature*.

¹³ Normand, *Jardins et littérature*

¹⁴ Texto da F. CALOUSTE GULBENKIAN Agosto 2019: “*Calouste empenha-se em conseguir o regresso a “Les Enclos” de Selian, que entretanto conseguira aproveitar uma troca de prisioneiros civis e de guerra, entre o governo Americano e os seus inimigos,[...]. É abundante a correspondência entre Lisboa e Brooklyn, onde se encontrava o antigo regente de Les Enclos, sobre horto-fruticultura e novas técnicas de plantação; isto enquanto, paralelamente, a obtenção do visto de viagem, indispensável para o regresso a França do seu primo, ia sendo tentada por Calouste junto dos seus contactos diplomáticos.*”

Negócios Estrangeiros de França¹⁵, Gulbenkian pede para que ele interceda na obtenção do visto de entrada de Selian em França, com a finalidade de voltar a gerir os Enclos afixando que neste estão empregadas cerca de 100 pessoas. Les Enclos voltariam a ser produtivos.

Em 1945, e já em período de paz, todos estes esforços resultam e Selian regressa à Normandia para dirigir de novo Les Enclos e retomar os trabalhos de recuperação e embelezamento da propriedade, mas não sem primeiro ser feito um trabalho de desminagem, com a supervisão à distância de Calouste Gulbenkian.

Entramos agora nos últimos 10 anos de vida de CG que durante este período se mantem a viver em Lisboa, cidade que lhe foi muito útil na sua neutralidade durante a guerra, de onde dirigia em paz os seus negócios e a sua família separados entre Londres e Paris. É neste período que Selian irá embelezar Les Enclos e é também durante esta década (de 1946 a 1954) que surgem as 89 cartas trocadas com Alexis Leger (AL) – amigo, diplomata e futuro Prémio Nobel, exilado em Washington, as quais terão muita importância para o seu sonho de um jardim na Normandia.

Seria de esperar que os desenhos de 1938 do Arquitecto paisagista Achilles Duchêne, apesar de ele vir a morrer em 1947, pudessem ter sido retomados e executados nos Enclos. Mas não, nada disso acontece e depois da guerra fica um vazio na parte do projeto dos jardins que leva CG a pedir conselho a AL para tentar concretizar o seu sonho de jardim.

Nas cartas a AL, logo em 1948, CG pede-lhe opinião para o nome de um arquiteto paisagista para executar o desenho do jardim de Les Enclos. Vale a pena analisar porque razão o desenrolar desse esforço, que parece não ter tido o sucesso que normalmente tinha tudo aquilo em que se envolvia.

De facto, a partir de 1945, CG recupera a parte agrícola da sua quinta de produção, da qual existem em abundância os dados quantificados da gestão de Les Enclos pelo primo e fiel feitor Garkis Selian. A quinta de produção retoma as actividades, e em 1950, CG manda construir as capoeiras, o pombal, as cavalariças, os estábulos o lago dos patos na parte mais baixa da propriedade, com um requinte que ainda hoje nos surpreende quando visitamos, pois o empenho e investimento nesta área de construções rurais contrasta com a ausência de desenho que optimizasse o enorme potencial do terreno para o surgimento do parque e jardim.

¹⁵ Fundação Calouste Gulbenkian, Biblioteca de arte e arquivos, documento do mês, Agosto de 2019 “A propriedade de ‘Les enclos’ na Normandia”, in *Calouste S. Gulbenkian 150 anos*, Lisboa p.7.

3- O desejo de um jardim nos Enclos e a arte paisagista no início do século XX

O que aconteceu então ao jardim tão sonhado e desejado? Analisemos primeiro o arquiteto paisagista encarregado de dar corpo ao sonho do milionário. Quem é Achilles Duchêne, chamado para Les Enclos em 1938? Trata-se de um dos mais conceituado arquiteto paisagista de Paris da sua época, filho de Henri Duchêne, especialista no restauro dos grandes jardins franceses, e que lhe assegura a continuidade e longevidade na fama e nas obras. Já antes em 1922 Achilles havia desenhado e construído o terraço da Av. d'Iena (fig 3) para o Sr. Gulbenkian. O estilo de Duchêne é grandioso, seguindo a *Nouvelle École Française* com a retoma do traço geométrico de controle total da natureza introduzido por André LeNôtre, com o expoente nos jardins de Versailles por volta de 1670. Dos discípulos de Achilles Duchêne destaca-se Jacques Greber, que lhe segue a linha revivalista neobarroca, e do qual conhecemos a obra icónica do Parque de Serralves, de traçado geométrico junto à casa. Sendo um jardim dos anos 40 do século XX dialoga bem com a casa de traçado *Art-Deco*, mas não é esta regularidade simétrica com que CG sonha.



Fig. 3 — Achilles Duchêne.
Terraço da Av. d'Iena residência do Sr. C. Gulbenkian em Paris

Torna-se claro que CG e o seu mestre paisagista não estão no mesmo comprimento de onda, e o tom de irritação transparece nas cartas em que ele insiste e renova as suas anteriores instruções: «*Não quero que se esqueça que, acima de tudo, pretendo conferir um carácter romântico a este parque.*»¹⁶

Neste ponto é útil para enquadrarmos as afirmações de CG sobre jardins, uma pequena diversão pela Arte e História dos Jardins incidindo na caracterização da evolução desta arte no início do séc. XX e o gosto da época, incerto entre o formal e o natural, o eclético e o romântico.

No final do século XIX os paisagistas franceses estão divididos entre dois polos opostos: o formalismo geométrico e o naturalismo paisagístico. O primeiro, representado pelo restauro dos grandes jardins franceses (fig 4); o segundo, naturalista, ainda hoje visível nos parques públicos do Paris projetados por Alphand e em muitas outras grandes cidades. Os Duchêne, pai e filho pertencem ao primeiro grupo e quando Achilles é chamado em 1937 para Les Enclos, já tinha privado como arquiteto com CG.

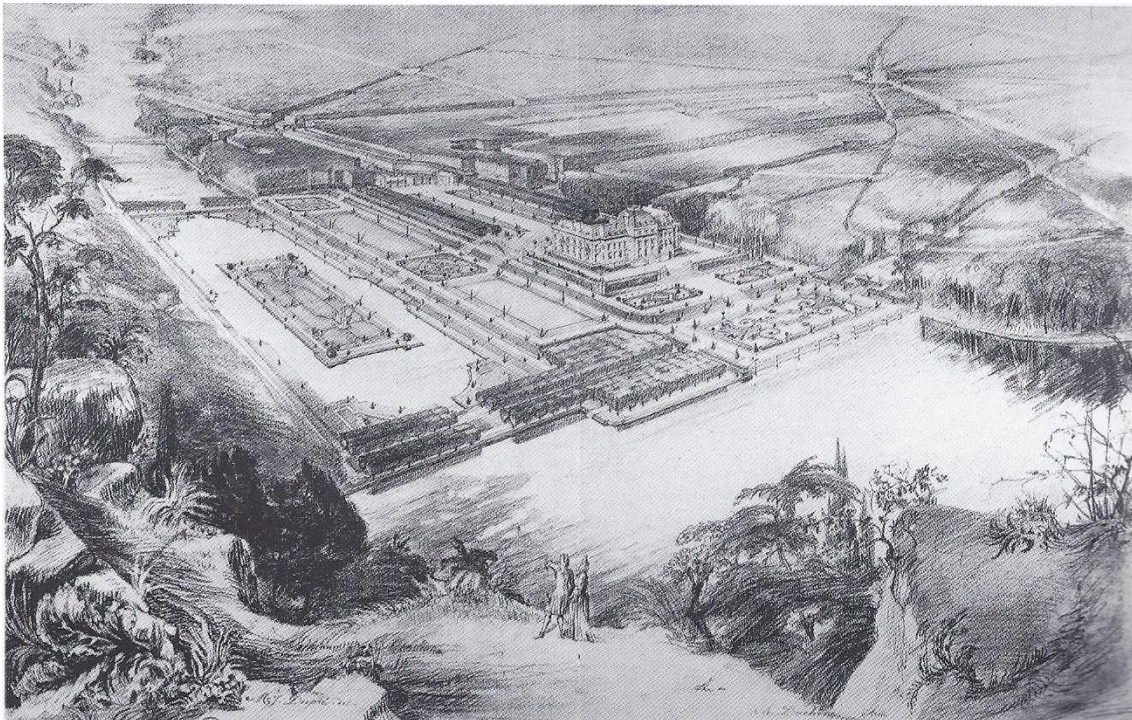


Fig. 4 — Vista do Palácio e Jardins de Voisins. Desenho de A. Duchêne, da revista *La Gazette des Amateurs de Jardins*, 1929. Estilo revivalista da *Nouvelle École Française*.

¹⁶ Azeredo Perdigão. *Calouste Gulbenkian Coleccionador*, 1979.

Na década de 30 o jardim modernista já tinha começado a ser expresso apesar de tardiamente, em relação às outras artes. Como refere Marc Treib¹⁷, perito nesta área da História de arte, “A arquitetura paisagista moderna evoluiu muito lentamente, ficando para trás dos desenvolvimentos nas outras áreas. O seu principal manifesto foi o livro de 1938 escrito por Christopher Tunnard, *Gardens in the Modern Landscap*, nos Estados Unidos. Ao contrário das habilidades cubistas de Georges Braque e Pablo Picasso durante as primeiras décadas do século, o paisagismo não produziu nenhum avanço épico. (...)”.

É em Paris, em 1925, que é apresentada A *Exposition Internationale des Arts Decoratifs et Industriels Modernes*, conhecida por Exposição Art Deco que constitui um momento de viragem no desenvolvimento dos jardins em França, com implicações em todo o mundo. Sobre este tema Treib anuncia que “Embora alguns trabalhos paisagísticos na exposição possam merecer uma nota de curiosidade hoje — por exemplo, as árvores de betão de Robert Mallet-Stevens e Jan e Joel Martel e os aviários no *Garden of Birds* de Albert Laprade — o desenho mais marcante foi o de Gabriel Guevrekian e o seu Jardim de Água e Luz. (...) A notoriedade alcançada pelo Jardim de Água e Luz [fig 5] — que foi tanto positiva como negativa — levou o Visconde Charles de Noailles a contratar Guevrekian para projetar um novo jardim para sua casa em Hyères no sul da França.”¹⁸ Quem hoje visita o jardim triangular do Conde de Noailles (fig 6) terminado em 1927 percebe que o modernismo dos jardins da Europa se inicia entre a exposição Art Deco e Hyères.

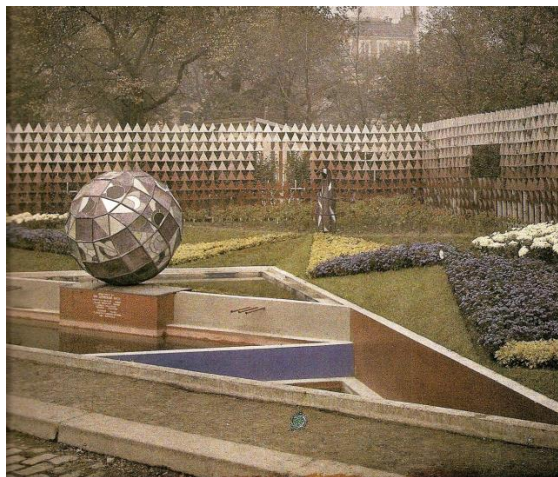


Fig 5 — Gabriel Guevrekian. Jardim de água e luz. Paris, 1925.

¹⁷ Treib, Marc; *Modern Landscape Architecture: A Critical Review*; The MIT Press; U.S.A; 1993 Tradução Margarida Paes.

¹⁸ Treib Marc. *Modernism*, p.38 .



Fig. 6 — Jardim da Villa Noailles, projeto de Gabriel Guevrekian. Hyères, França 1927.
(reconstruído em 1990)

Terá Gulbenkian visitado a Exposição *Art Deco* em Paris? Nos anos 20 do século XX, CG vive em Paris, é aí que constrói em 1922 o seu palácio da Av. d'Iena, é aí condecorado com a Médaille d'Honneur de França pelos bons serviços que desempenhou como administrador do Hospital du Pré Catalan ao serviço da saúde. Vimos que o seu interesse pelos jardins se manifesta mais tardiamente em 1928 e o vanguardismo de Guevrekian em nada lhe poderia interessar, pois a sua escolha para a criação do jardim em terraço da Avenue d'Iena foi a de Duchêne o arquiteto paisagista que defende a *Nouvelle École Française* de estilo revivalista.

Mas a seguir à II Guerra Mundial, tudo mudou na arte dos jardins. Em 1948, no mesmo ano em que começam as cartas de AL e o sonho do jardim nos Enclos de Gulbenkian a que já chegaremos, o jardim modernista toma formas muito inovadoras pela mão de americanos. Academicamente sustentados em licenciaturas especializadas na arte de jardins, a mais marcante a decorrer desde 1900 na Universidade de Harvard, os arquitetos paisagistas americanos assumem-se diferentes nos métodos e teorias dos arquitetos (civis) e formam uma vanguarda cuja peça mestra tem a assinatura de Thomas Church na Califórnia, o *Novillero* (Fig 7), que pelo vanguardismo vale a pena

visitar, com a sua piscina em forma de feijão, o pavilhão de janelas inteiras de vidro e os bancos desenhados nos muros em linhas limpas e simples, desprovido de qualquer formalismo.



Fig. 7 — El Novillero, Donnell House, projeto de Thomas Church, Berkeley, USA, 1948.
Foto: Cristina Castel-Branco, 2018

Aí percebermos o avanço que se deu para a invenção do estilo modernista nos jardins e a saída do impasse e a hesitação entre formalismo e naturalismo na qual se mantinha a arte de jardins no início do século XX. Comparamos uma imagem de 1949 da vivência no jardim do Novillero (fig 8) e nos Enclos (fig 9).



Fig. 8 — A nova vivência no jardim El Novillero, Donnell House, 1949, USA.
Foto: Cristina Castel-Branco, 2018



Fig. 9 — Les Enclos. Calouste Gulbenkian no seu jardim em 1949

Onde se coloca nesta *matrix* o gosto do Senhor Gulbenkian? Por um lado, não vai avançar para vanguarda do modernismo, porque é, e sempre foi, conservador; mas por outro não quer mais o formalismo da *Nouvelle École Française*. Vive em Lisboa, conhece bem Sintra e afirma com clareza “Não quero que se esqueçam que eu mantenho acima e tudo que se conserve e imprima um caracter romântico a este parque”¹⁹.

Fixando-se no jardim romântico do séc. XIX, a insistência do cliente na encomenda de um jardim romântico leva-nos a perceber que Duchêne não apresentava soluções naturalista para Les Enclos, mas antes, mantinha o formalismo e a geometria

¹⁹ Lettre de Calouste Gulbenkian au paysagiste Achille Duchêne, 1937, «*Je ne veux pas qu'on oublie que je tiens par-dessus tout à conserver un caractère romantique à ce parc*».

como traço dominante do seu projeto. Gulbenkian tem que lhe lembrar que: *“Parece-me possível e desejo que seja realizado com os milhares de árvores que temos, um parque perfeitamente romântico.”*²⁰

Mas parece que o *atelier* de Duchêne não o ouve pois já tinham um estilo próprio e dificilmente dele sairiam. O que surge nos jardins dos Duchêne (Pai e Filho), que chegaram até nós, é uma interpretação do estilo de Le Nôtre, a decoração e a estatuária, os caminhos retos, e os espelhos de água geométricos. É exatamente aquilo que CG claramente indica que não quer e ao fim de um ano dos serviços Duchêne, Gulbenkian continua a pedir, sem sucesso: *“O meu grande desejo é atingir um conjunto de grande harmonia que exclua todas as minudencias muito frequentes nos jardins de estilo (...) O meu desejo é de reter no conjunto o seu carácter romântico e de o sublinhar, de o embelezar e não de o estilizar”*.²¹

O desejo de Gulbenkian tão bem expresso nesta recomendação a Duchêne insere-se na linha dos jardins românticos, como aqueles que vimos surgir em Sintra pela mão de D. Fernando, na segunda metade do século XIX. É o romantismo que toma corpo nos jardins do Palácio da Pena e é esse que Gulbenkian descreve tal como o conhecemos ainda hoje em plena pujança. Neste estilo nascido na Alemanha, onde D. Fernando foi educado, procura-se amplificar as formas naturais da paisagem, aumentando os meandros de um riacho, aproveitando um pedregulho para aí escavar um banco, criando um sub-bosque de fetos para aumentar o mistério ou meandrar caminhos para pontos altos e aí deixar um rústico assento para se admirar uma soberba vista. Sobretudo, tenta-se tirar partido das árvores para criar bosques, abrir clareiras ou enquadrar vistas. Ora tudo isto se opõe ao estilo de Duchêne e do seu projeto. Do seu trabalho para Les Enclos nada ficou que pudesse vir a ser retomado depois da Guerra, porque Gulbenkian não gostou do que lhe foi apresentado e frisa bem nas suas cartas o seu descontentamento. Terá ficado o roseiral.

Ao retomar a intenção de criar um jardim na Normandia depois da Guerra, CG já tem mais de 70 anos, vive em Lisboa, não lhe interessa a vanguarda do novo jardim modernista, da mesma forma como não lhe interessou arriscar comprar um quadro de

²⁰ Lettre de Calouste Gulbenkian au paysagiste Achille Duchêne, 1937, *«Il me semble possible et je désire qu’avec les milliers d’arbres que nous avons, un parc tout à fait romantique soit réalisé»*.

²¹ Lettre de Calouste Gulbenkian au paysagiste Achille Duchêne, Printemps 1938, *«Mon grand désir est d’arriver à un ensemble de grande harmonie excluant toutes les petites trop fréquentes dans les jardins de style (...) Mon désir est de conserver à l’ensemble son caractère romantique et de le rehausser, de l’embellir et non pas de le styliser...»*.

Picasso. O seu olhar, a sua sensibilidade, está no século XIX e esse olhar para o passado, mais seguro e certo, revela-se na sua coleção de arte, mas também na sua correspondência com AL em que se discute se ele deve ou não comprar um Manet²². Tal como Gulbenkian, Keneth Clarke está convicto que não vale a pena e é AL que contesta a opinião de Clarke e Manet entra para a coleção de Gulbenkian.

As 89 cartas²³ trocadas entre esses dois improváveis companheiros e íntimos amigos trazem uma luz nova à interpretação da frase de Gulbenkian na sua frustrada vontade de ter um jardim “à *ma façon*”. Há dois temas principais desta conversa transatlântica: por um lado, a guerra fria e a potencial terceira guerra mundial; por outro, o projecto da criação do jardim nos Enclos e nesse último tema AL revela-se bom conhecedor do clima e da paisagem da Normandia e surpreendentemente bom botânico.

CG pede a AL que lhe indique um arquiteto paisagista que consiga responder aos seus desejos de paisagista, ou seja quer começar de novo. É interessante ver chegar a Lisboa a proposta de AL num telegrama datado de Maio de 50: “Paisagista Laprade e guarde bem nos Enclos a qualidade sensível e o charme humano de uma realização pessoal os Enclos são o seu poema.”

Albert Laprade é no entanto um arquiteto e não um paisagista, mas com uma experiência na construção de jardins pois na Expo das Arts Deco de 1925 surge como o autor dos aviários do jardim dos Pássaros. Ou seja, é um dos inovadores que fez parte da vanguarda para o jardim moderno, com grande qualidade gráfica e tendo trabalhado em Marrocos deixou muitos cadernos de desenhos, onde se aprecia a sua qualidade de ilustrador. Mesmo tendo tido uma carreira longuíssima e muita obra feita, Laprade não é, apesar disso, conhecedor das águas, das árvores, da paisagem e da grande escala como Gulbenkian precisava.

Logo em Junho de 1950, temos nova carta para Washington onde CG agradece, mas declina a recomendação de Laprade se for apenas arquiteto. E dá conta do que viu nos Enclos na sua última estadia do mês anterior: “*Obrigada por me ter referido o Laprade no telegrama; está difícil de o desencantar. Fala-se de um arquiteto com esse nome mas esse é sobretudo arquiteto com um penchant para a decoração paisagística. Julgo que não é o seu Laprade.*”

A distinção que CG faz de um arquiteto de construção e de um arquiteto paisagista é em si revelador da astúcia de Gulbenkian que percebe bem e cedo a

²² Vasco Graça Moura, p.211.

²³ Vasco Graça Moura, op cit p.141.

diferença entre as duas áreas de trabalho, apesar de a designação ser matéria para confusão. No final do século XIX ficou claro, sobretudo nos EUA onde a profissão se tornou mais robusta, que o trabalho de um arquiteto não é o mesmo de um arquiteto paisagista e que a sabedoria do terreno a céu aberto, a modelação do terreno, o conhecimento do crescimento das árvores e das fontes, a horticultura, não fazem parte da preparação e do âmbito profissional dos arquitetos e que é, pelo contrário, o corpo de conhecimento essencial ao arquiteto paisagista. Vimos como CG faz essa distinção clara, na carta a AL pedindo referências de um paisagista para lhe desenhar Les Enclos.

Nessa mesma carta CG prossegue, parecendo de início conformar-se com o que já conseguiu nos Enclos, *“No geral a propriedade tal como está hoje dá-me muita satisfação mas ainda não arranjei para a composição florística um jardineiro que ao conhecimento das flores juntasse também o gosto e a originalidade de bom quilate que lhe permitisse fugir das velhas formulas. Ainda não desesperei de encontrar essa ave rara”*.

Confessa também que o seu feitor, referindo-se certamente ao primo Selian, *“é um homem energético, muito capaz. Entrou em contacto com a Escola Nacional de Horticultura cujos trabalhos são de um gosto tão primário que tenho, neste momento, que os fazer desaparecer!!”* Esta observação é interessantíssima, do ponto de vista da história da arquitetura paisagista, pois a preparação de um arquiteto paisagista implica sem dúvida o conhecimento botânico e hortícola, como Selian procurou; mas não chega. Simultaneamente é obrigatório que se saiba compor esteticamente com o espaço a 4 dimensões; o tempo as estações, a perspectiva, a luz e o tratamento da água onde se reflete o céu, exigem um conhecimento específico que mais tarde, daí a uma pequena década vai ser sintetizado nas fórmulas *“Design with Nature”*²⁴ e *“Design on the Land”*²⁵, títulos de livros seminais deste corpo de conhecimento, e que parecem ser aquilo que CG procurava para Les Enclos.

Não consigo resistir também a referir que, por mera coincidência de data, temos em Lisboa exatamente no ano de 1948 a primeira dissertação de engenharia agronómica e arquitetura paisagista apresentada no Instituto Superior de Agronomia pelo primeiro discípulo de Francisco Caldeira Cabral, Manuel Azevedo Coutinho, que irá ser o primeiro arquiteto paisagista, e muito talentoso, formado com a preparação botânica,

²⁴ McHarg Ian, *Design with Nature*, Natural History Press, 1969.

²⁵ Newton, Norman, *Design on the Land, the development of Landscape Architecture*, Harvard University Presse, Cambridge Mass, London , 1971.

técnica e estética que CG procurava. Estava aqui mesmo ao lado de CG, em Lisboa, mas só um grande acaso faria coincidir o universo do milionário com o da primeira escola de arquitetura paisagista portuguesa para a busca da ave rara que tentava encontrar em Paris.

Em Novembro CG desiste de vez da busca de Laprade “*tendo inquirido sobre o Monsieur Laprade fiquei a saber da sua secretária — a qual trabalhou no passado no atelier do Sr Duchêne com quem eu estive muito ligado — que o Monsieur Laprade não se especializou em arquitetura paisagista e as coisas ficaram por aqui*”.²⁶

E assim o Senhor Laprade não serve para cargo, mas pelo menos (a carta assim regista) chegou de Washington a Lisboa o livro (fig 10) enviado por Alexis Leger para ajudar à seleção de árvores e arbustos a plantar nos Enclos e Calouste Gulbenkian ajuda-nos a saber do que se trata registando na carta o título: *Trees and Shrubs*²⁷, onde se propõe os tipos de árvores para plantar no seu justo lugar de horas de sol, de tipo de solo, de exposição ao vento.

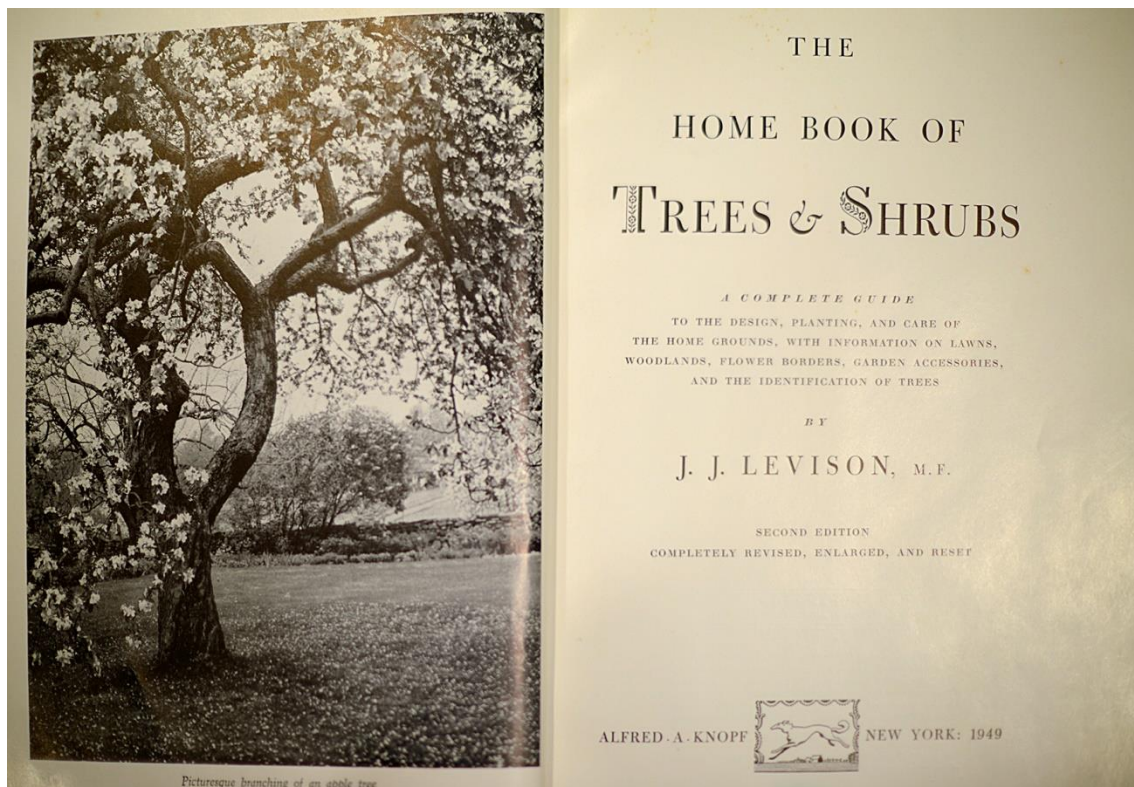


Fig. 10 — O livro enviado em 1950 por Alexis Leger a Calouste Gulbenkian para ajudar na escolha das plantas para Les Enclos

²⁶ Graça Moura, op cit, p.168.

²⁷ Este encontra-se na sua biblioteca pessoal, reservada na Biblioteca Gulbenkian com dedicatória de AL.

Les Enclos em 1950 vai começar uma nova construção mas não é para o Sr. Gulbenkian, é para os animais. Perdigão regista com alguma ironia esta área dos animais nos Enclos: “ ... *mandou construir na propriedade capoeiras e estábulos onde criva e tratava como se fossem hóspedes de um hotel de luxo, algumas espécies de raça.*” (fig 11). As produções vêm para Lisboa com cuidados de transporte de mercadoria de saude; manteiga, mel, vegetais e frutas da Normandia para o Hotel Aviz.

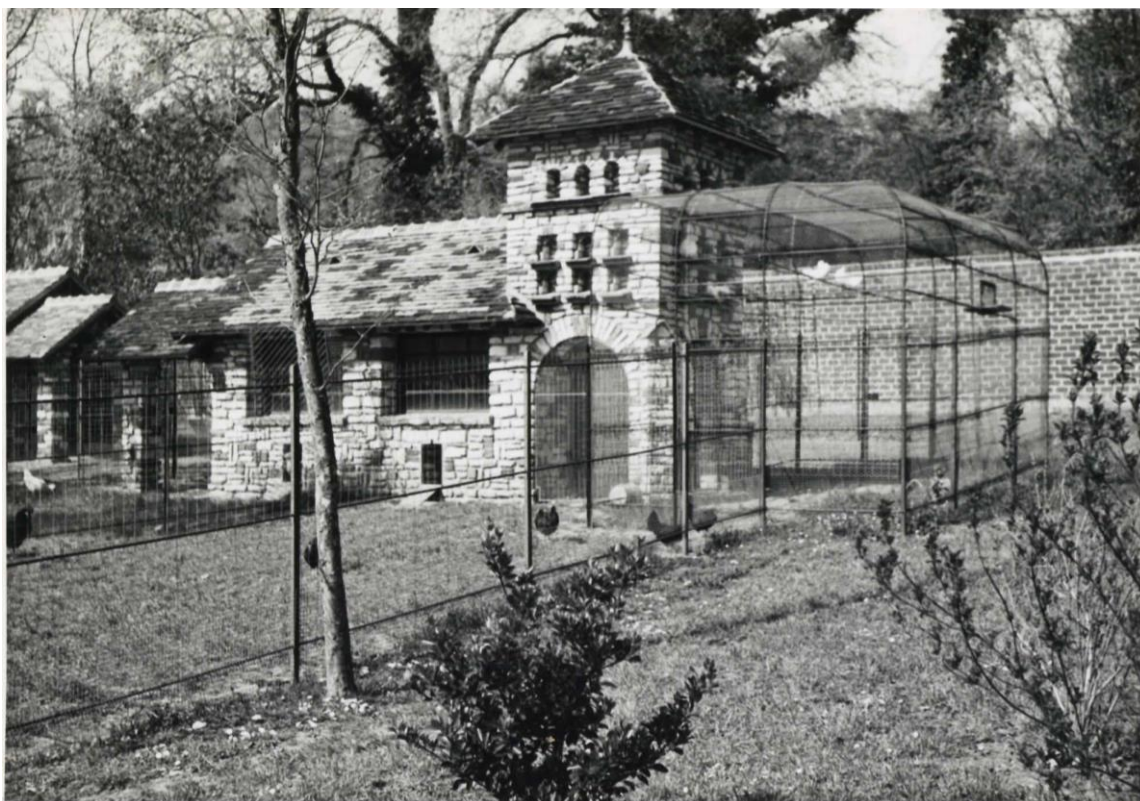


Fig. 11 — Capoeiras e gaiolas do assento rural de Les Enclos 1951

Em 51 temos uma carta no arquivo da Fundação na qual Selian confessa “*finalmente percebi as suas observações sobre as rosas*”, e explica a CG o que vai fazer com as sebes e onde pensa plantar 600 pés de rosas, orçamentando com grande largueza o valor de aquisição de arbustos e rosas. Também esboça com um traço infantil como vai desenhar o caminho para casa e como o vai plantar... enfim a leitura desta carta desencadeia no leitor a certeza da insatisfação de CG quanto à concepção espacial das plantações de Selian. O fiel primo revela um grande desconhecimento da forma artística de criar um jardim e a descrição indica um dedicado servidor, mas longe de poder plantar e criar um jardim com as qualidades que CG referia nas cartas tanto a AL como ao seu neto. Nestas cartas, CG recomenda ao neto que se esforce em três frentes;

primeiro dar sempre o seu melhor, segundo respeitar os outros praticando sempre uma moral e uma ética atenta, e como terceiro valor alimentar regularmente uma relação segura com a Natureza.

No fundo, por opção ou resignação, CG prefere imaginar o jardim romântico do século XIX, refugia-se na Natureza sem desenho e certamente não quer passar para o jardim do século XX. É na imaginação que CG se deleita, o seu jardim será sempre um jardim sonhado e não concretizado, pois o seu sentir, as suas referências colocam o paraíso (que todos transportamos como sonho de um jardim) no tempo do nosso rei D. Fernando II, o grande romântico que nos trouxe a Portugal o melhor deste estilo em que o mistério, a sublime Natureza e a intensidade de sentimentos melhor se exprimem num jardim que em parte se funde com a Natureza... como acontece em Sintra.

4 – O jardim sonhado por St John Perse (Douglas) e CG (Douglas) e nunca construído

Poderia ter ficado por aqui a história de Les Enclos, mas não ficou. CG é tão rico em tudo o que faz, que nos deixa mais uma pista, esta agora como diz Vasco Graça Moura²⁸, de uma *Cosa mentale*, onírica, toda feita do sensual desejo do paraíso, poética e longínqua como um filme que conta uma história em que desejaríamos ter participado mas... ficámos de fora. Nós e CG. Será assim que na sua correspondência com Calouste Gulbenkian, Alexis Léger qualifica os Enclos de: “*peça mestra da sua obra, por ser a mais viva, a mais íntima e a mais sensível, a mais secretamente guardada para o seu sonho.*”

Em 1984 Fernando Azevedo²⁹ anuncia “*o inesperado da intimidade e profundidade de relações entre o poeta e CG, analisado através da correspondência, na bem informada e interessante conferência de Roberto Gulbenkian.*” Abre-se então esta nova fonte de informação epistolar e o sobrinho Roberto Gulbenkian, historiador, especialista sobre as relações entre Portugal e a Pérsia no século XVI, descreve a amizade St John Perse, diplomata e Prémio Nobel da Literatura em 1960, com CG. Robert vive em Portugal, educa os filhos em Lisboa, naturaliza-se português mudando o seu nome para Roberto e conhece bem Les Enclos, onde passa as férias em família, durante os anos 60. Foi muito próximo do tio Calouste, conhece bem a propriedade e

²⁸ *Saint-John Perse / Calouste Gulbenkian. Correspondance 1946-1954.* org. Vasco Graça Moura, Paris Gallimard, 2013.

²⁹ Azevedo, Fernando, “Saint John Perse bio-bibliografia e poema Amers de St Jonh Perse” *Colóquio Artes* n.º 61 (2.º série), F. Calouste Gulbenkian, 1984, p.66.

valoriza muito esta correspondência de 7 anos entre os dois exilados, extraindo delas as partes mais significativas no que a *Les Enclos* se refere que se apresentam agora traduzidas.³⁰

O primeiro gesto para elevar esta correspondência ao mundo da fantasia é o uso de pseudónimos que tanto um como o outro se divertem a usar. Gulbenkian alerta que as cartas em Portugal são abertas e propõe-se assinar as suas com o nome Douglas e sugere que AL faça o mesmo. AL, que já tinha adoptado o pseudónimo literário de Saint John Perse, presta-se logo a este jogo, partilhando assim nessa correspondência o pseudónimo de Douglas. Ambos se contentam tanto da amizade do outro como desta forma de relacionamento excepcional.

A 21 de março de 1949 escreve o poeta no exílio em Washington “*A sua amizade, sempre marcada de carácter não é daquelas que se respira a baixa altitude*”, responde-lhe CG no exílio em Lisboa “*Nós temos da vida, dos homens e do mundo onde eles se agitam uma visão quase idêntica, daí resulta uma comunidade de sentimentos assaz excepcional e muito preciosa*”³¹. A 5 de janeiro de 1950, AL escreve a CG: “*Por cima do oceano que não nos separa e por cima da loucura do tempo presente, aperto-lhe afectuosamente as mãos*”. As expressões de amizade são tão sentimentais quanto inesperadas.

Marcelo Matias considera que estas cartas “*revelam o perfil empenhado e sabedor do colecionador de arte, iluminam as suas coordenadas estéticas [...] humanizam-no, até porque ao contrário do seu interlocutor, não há por parte de Gulbenkian pose alguma [...] porventura a melhor expressão da sua autenticidade [...]*”³² e é fácil partilhar desta opinião quando se lê todas as cartas que atravessaram o oceano.

Em 2013, Vasco Graça Moura e a FCG lançam o livro editado pela Gallimard de toda a correspondência entre estes dois exilados. São 89 cartas (52 de AL) que revelam uma amizade intensa e o tema dos jardins e de *Les Enclos* surge entremeado com outros temas, como um refrão recorrente em que ambos se deleitam.

Há uma nostalgia que permeia a correspondência sobre *Les Enclos*, mas o jogo da imaginação vai aquecendo e quando St John Perse na ânsia de partilhar sugere, recomenda e ordena mesmo, a forma justa de criar um jardim na Normandia, para

³⁰ A tradução é de Alice Mattirollo, condiscípula de Serge Gulbenkian, filho de Roberto, a quem muito agradeço.

³¹ Lisboa, carta de 11 de novembro de 1950.

³² Matias, Marcello, *Caminhos e destinos, a memória dos outros*, D. Quixote, Lisboa 2017.

ajudar ao embelezamento dos *Enclos* percebe-se que tocou numa corda fina de CG, que bem antes em 1942 escrevia ao neto “*Aproveite as suas caminhadas no campo para se interessar por tudo o que vir, não de um modo superficial, mas empenhadamente, através da reflexão, da meditação, penetrando na própria essência da natureza*”³³. Faz-se um paralelo entre as recomendações ao neto e aquelas que AL lhe faz de forma mais poética referindo-se ao sonho favorável que emana da natureza³⁴ “*vire livremente o seu pensamento para tudo o que se alia dentro de si, às fontes eternas, ao mistério dessa beleza que haveis sabido amar em tantas coisas...*”³⁵.

Numa carta, AL diz-lhe como se deliciou por saber o prazer que CG teve de reencontrar, nesse verão, a sua propriedade de *Les Enclos* na Normandia: “*Tem tanto direito a ter esse prazer! Esse (jardim) é o seu poema, a sua criação íntima e como um canto por trás da sua obra de construtor. É o que se pode chamar de “descanso do guerreiro”, aquele descanso que ele só pode gozar raramente, ou de longe, em espírito. “Gosto de passear consigo nos Enclos em imaginação, fazendo-me a honra amigável desta rara intimidade. A das suas grandes árvores...*”³⁶

Calouste envia-lhe fotografias de *Les Enclos*, e AL sobe o tom poético e o elogio a CG “*Sim, consegui capturar ali a respiração e o voo da vida (...) o Homem em si, tanto quanto o artista, soube libertar o seu pudor e o seu sonho. Na justa medida e na ordem. Todo o espaço na sua origem está impregnado de uma nostalgia encantadora. O requinte final foi o de conseguir dar-vos uma modelação de terreno enquadrado por macieiras, um rebanho de ovelhas verdadeiro e o seu pastor verdadeiro (...) sempre pensei que tivesse sido noutro tempo o único homem a conseguir realizar o sonho concebido por Edgar Poe no seu A Quinta de Arnheim o de criador de paisagens.*”³⁷ neste exagerado retrato do artista e do seu jardim não podemos deixar de lembrar que CG paga a AL um valor regular para receber os seus conselhos políticos, para o ajudar a sobreviver nos EUA.³⁸

AL conhece bem a Normandia e escreve a 14/6 1950 “*que a paz e a sombra das árvores de Les Enclos vos seja favorável num destes belos verões da França Normanda que eu próprio tanto amei... que mais se pode apreciar humanamente que esta frescura*

³³ Cartas de CALOUSTE GULBENKIAN a seu neto, op cit, p. 107.

³⁴ Gulbenkian, Roberto, *Lettres d'exile d'Alexis Léger à Calouste Gulbenkian Prince de l'exile (1948-54)*, 1984, p.131

³⁵ Ibid. Página 134

³⁶ Op cit Pp. 135 e 136

³⁷ Ibid.136

³⁸ Graça Moura, Vasco, Saint-John Perse, *Calouste Gulbenkian Correspondance 1946-1954*, Gallimard 2013, p. 15.

da fonte que haveis conseguido criar aí, para o recreio do espírito e do coração como uma intimidade de mulher harmoniosamente entremeada com a vida natural, da vida eterna? Que a folhagem saudável de tudo o que se dispõe em ordem ou se anima sob o vosso olhar de artista, vos liberte do aborrecimento de tantas questões vãs. Gosto da sua ideia de uma casa muito pequenina. É a sagesa de se assegurar o grande luxo daquilo a que os Românticos chamavam uma ‘folie’”³⁹. A casa pequenina pode ainda hoje ser visitada nos Enclos.

Roberto refere também que CG é membro da Sociedade Francesa de Ornitologia e interessa-se apaixonadamente por tudo que lhe escreve AL em 1953 depois de uma estadia no litoral da Florida: *“Receba a visita de aves que cantam ‘tordos cantores’, papa-figos, melros e rolas? Plante-lhes algumas amoras e arbustos com bagas; ou até árvores jovens decorativas como a ‘sorveira dos passarinhos’: os seus vidoeiros serão frequentados pelos pardais”*. E mais à frente: *“Se tiver um jardineiro empreendedor, ele que tente encontrar-lhe num bom viveirista uns dogwoods da América, Cornus Florida, brancos e rosa cor de salmão. É a glória da orla da mata ensombrada. Uma maravilha! Eu plantei desses na Normandia numa propriedade de amigos, perto de Varangeville, (...) As azáleas e os rododendros também crescem admiravelmente na Normandia (...) Tem à sua volta vida animal? De vida livre e alada. Dê às borboletas uma sebe de Budleias que crescem e florescem rapidamente.”⁴⁰.*

“Pergunto-vos se a bela água que vi na imagem que me fez ver, vem de uma nascente encontrada por si na sua propriedade (não me admiraria, vindo de si «Sourcier!» = vedor de água!”⁴¹ A resposta de Gulbenkian é negativa. Não, não se consegue arranjar localmente água suficiente para criar um lago da dimensão sonhada por Calouste Gulbenkian.⁴²

“Temos que honrar as árvores ou as plantas locais. Nos Enclos prodigar livremente os ‘Crataegus’ de todas as espécies, são os pilriteiros em maciços ou em sebe ao longo dos caminhos, na orla da clareira. Prodigar ‘cytissus’ na orla da mata e no alto das encostas. Encontre também um canto, um ângulo feliz no seu percurso de caminhante num cimo, se possível, para juntar uma família de jovens pinheiros.”

Com as recomendações do livro *Trees and Shrubs* e estas cartas poderíamos fazer um plano de plantação que incluísse as espécies por ele indicadas, pois há

³⁹ op cit p.137.

⁴⁰ Gulbenkian Roberto, Vasco Graça Moura, op cit p. 126 (carta de Washington, 12 de Maio 1950).

⁴¹ Página 128.

⁴² Cartas AL pag 169.

recomendações muito claras sobre plantas e formas de abrir as vistas e de compor o jardim.

“A segura e o fervor do pinheiro corrige, tanto para o espírito como para os sentidos, aquilo que a Normandia tem de excesso de humidade como esponja. Não há passeio que valha sobre a terra se não pisar algures a caruma dos pinheiros.

Salvague bem, sobretudo, as clareiras e todas as escapadelas de vistas de verde ao longe. É a evasão de um retiro e a sua salubridade. Prado lá longe e relvado perto da casa.”

A visita na Normandia a jardins com este tipo de desenho naturalista permite-me afirmar que AL propõe imagens que conhece, soluções equilibradas e bonitas, como a localização dos lagos, a forma de manter relvados perto dos Palácios seguidos de prados floridos mais afastados que podemos ver em Outre Lez (fig 12), jardim que lembra as descrições de AL.



Fig. 12 — Jardim e parque na Normandia Outre Lez os relvados perto de casa, os prados selvagens ao longe, tal como descreve Alexis Leger.

“Trace o seu caminho preferido marcando pela sua mão o seu percurso preferido.

E visto que conseguiu capturar aí uma alma romântica, vá mais longe numa fantasia viva, escolha um canto de predileção bem orientado onde os seus passos o dirijam naturalmente e faça construir ao de leve uma casinha, um pavilhão de repouso

desenhado por si mesmo e que lhe pareça que foi construído pelas suas próprias mãos – uma pura fantasia, um sonho, como o seu sofá a sua mesa baixa e alguns livros. Uma porta donde se veja vista e nada mais em redor senão madressilva e o seu bom cheiro e uma roseira trepadeira bem robusta e cor de chá ou rosa salmão.” Desta ideia da casinha ficou um pequeno pavilhão à entrada do roseiral ainda hoje visitável. (fig. 13)



Fig. 13 — Les Enclos roseiral e o pavilhão (2018) compara-se com as imagens idealizada do jardim sonhado por Alexis Leger.

*“Sobretudo nada de roxos nem glicínias nem lilas em sítio nenhum da sua propriedade.”*⁴³ Alexis Léger estabelece peremptoriamente a *palette* de cores, proibindo ao “Sábio dos Enclos”, tal como lhe chama, o roxo para atingir a perfeição para Les Enclos, “favorecida pelo sonho favorável”, expressão escolhida para exaltar a perfeição imaginada e a condição platónica nunca atingidas. Chega a incitar CG a fantasiar e a criar o seu jardim na imaginação: “*é uma presença que não atraiçoa, esse belo sonho ao longe para si, que vive e respira, segundo as regras e conselhos que lhe proporciona.*

⁴³ Página 129

*Não existe nada mais do que criar? Parece-me que já lhe citei esta palavra, uma das últimas do músico Schumann: "Criar! Criar! Enquanto é dia!..."*⁴⁴

O jardim de St John Perse e de CG é uma fantasia como o foi o paraíso de Dante e o jardim literário do Roman de la Rose, é um desejo não concretizado e ao mesmo tempo que é um pretexto para um AL um pouco *flatteur* e mitómano elogiar o seu mecenas⁴⁵, comparando-o com Babur, o emperador Mogul do séc. XVI, que no seu diário⁴⁶ entremeia a descrição das suas batalhas e heróicas vitórias com a feitura dos seus jardins na Índia.

"Aquele, como Babur, que veste o fato do poeta entre duas grandes ações viris para contemplar a vista de um belo terraço"... *"esses são príncipes do exílio e não precisam do meu canto."* Eis Calouste Gulbenkian, príncipe do exílio. Segundo Alexis Léger, ele é, não somente um homem de ação, mas também poeta e muitas outras coisas que ele admira e inveja carinhosamente ao seu amigo: *"Quando se quis ser neste mundo amigo de muitas coisas e de muitas pessoas, quando se construiu muito e lutou na ordem temporal, o que haverá de mais precioso do que dispor e gozar de um pedaço de terra feliz, ajardinada e preservada, favorecida e utilizada como lhe agrada? É uma bênção para si e é uma força ter conseguido carregar em si e salvaguardar os dois homens. Um para gozar de tais coisas, o outro para lhe garantir o sustento. Neste momento, tem a recompensa desta dualidade rara."*⁴⁷

Mas será que o jardim de Les Enclos atingiu este ideal naturalista pintado por AL e sonhado por CG? As alamedas têm árvores grandiosas no entanto *Les Enclos* não responde às imagens criadas pelas sugestões de St John Perse; a clareira não está marginada de *Crataegus*. Não há a *"Pièce d'eau"*, o lago no ponto em que o reflexo do céu magnetiza o olhar, não há vistas desafogadas para o Oceano, nem relvados que terminam prados. De facto Les Enclos é um troço de paisagem bonito, com belas árvores, mas falta-lhe a criação do espaço, da perspectiva da luz, falta a mão sábia de um jardineiro ou paisagista *"de quilate"* como procurava CG.

"e agora pense no Douglas da America, quando ao pé dos seus lagos ouvir coaxar as suas primeiras rãzinhas e as suas primeiras andorinhas. Saúdo e muito afeição ao Sábio do Les Enclos." Todo este mundo natural toca na sensibilidade de CG pois encontramos-lo a escrever ao neto sobre a importância da Natureza e da atenção que

⁴⁴ P.139.

⁴⁵ Matias, op cit .

⁴⁶ *Baburama Memoirs of Babur*, Trad. Ed. Thackston, Wheeler, The Modern Library, NY, 2002.

⁴⁷ *Gulbenkian/ St John Perse* P.140.

ele deve ter aos seus encantos, mas nos Enclos onde estão os riachos, as margens onde crescem e nidificam as aves? Os arbustos de bagas de que se alimentam? O lago das rãs de que falava AL, os festos com pinheiros? A natureza celebrada? Julgo que pouco deste paraíso foi atingido nos Enclos e nada do sonho se reconhece no terreno do século XXI.

E percebe-se porquê. Enquanto a Guerra se intensifica por toda a Europa, Gulbenkian está em Lisboa neste local que escolheu por boas razões a que adiciono mais uma: a ligação à paisagem de origem, o *Place attachment*, a paisagem da infância funcionando como uma prótese que se carrega pela vida fora, e influencia todas as nossas escolhas. Se assim for, Lisboa pode ter sido um eco longínquo da paisagem de infância de CG, de Istambul? Marcelo Matias fala na ligação de CG à sua origem: “CG falou arménio toda sua vida, pormenor que está longe de ser despiciente na definição do homem. A lingua da terra natal ficará para sempre aos seus olhos como uma primeira paisagem insubstituível”⁴⁸. Lisboa será talvez a substituição possível da sua paisagem de origem e sobre os seus encantos “*sublinha quão agradável lhe é viver em Portugal - a tranquilidade de espírito de que dispõe para trabalhar, a ordem publica, a excelência do clima, a simpatia das gentes ...*” É Lisboa que escolheu e não Deauville... mas sobre este tema se poderia preparar uma outra conferência.

Relata o Dr. Perdigão que em 48 CG tem 80 anos e as deslocações de CG são anuais: “*Sempre que lhe era possível, na estação estival, Calouste Gulbenkian instalava-se por algumas semanas num hotel de Deauville e ia passar uma parte do dia em Les Enclos.*”⁴⁹ Se de facto o jardim de Les Enclos, o real, tivesse conseguido ser o *jardin à ma façon* porque iria CG para um Hotel em vez de gozar o acordar e o adormecer junto ao seu jardim? De facto fazer um jardim obra de arte, como o desejava CG, é muito mais complicado do que parece e o jardim “*à ma façon*” ficou só em sonho.

A visita a Les Enclos, antes de conhecer estas fontes de informação preciosas sobre a sua história, deu-me a sensação de uma encosta virada para Sul com o mar a aparecer a Poente, mas essa excelente exposição não é aproveitada no desenho dos caminhos, dos pontos de paragem para a vista, da grande clareira que respeita uma topografia inclinada. O conjunto marcado por uma grande alameda inicial dá uma sensação de espaço contínuo mas nada desperta a curiosidade. É grande, e começa pelo

⁴⁸ Matias op cit p. 301.

⁴⁹ Perdigão op cit .

o roseiral ao qual se juntou um pomar no terraço abaixo e a casinha onde se mantém a memória de CG. Assente sobre uma encosta inclinada, as vistas sobre o mar deslumbrante parecem pouco aproveitadas no traçado do jardim. Cedros e belos exemplares arbóreos maduros e bem escolhidos formam a estrutura de um parque quase sempre vazio.

Na segunda visita, já mais informada com a leitura das descrições de Azeredo Perdigão e elementos do arquivo, procurei na parte mais baixa de Les Enclos as construções rurais, e com surpresa confirmei o que Perdigão sugere; pois é tudo tão perfeito e tão amplo que julgo nunca ter visto um assento de lavoura tão apurado e requintado, onde as casas para os animais foram desenhadas como uma *menagerie*. Selian conseguiu que a quinta estivesse à altura do seu proprietário mas o mesmo não aconteceu com o jardim e parque. Por mais que se esforçasse e as fotografias dos enormes canteiros ao longo da orla do bosque (fig 14) bem mostram o grande empenho de Selian para conseguir ter em floração milhares de plantas anuais, bolbos e perenes, o efeito estético é pobre. Ao contrário da conclusão a que chega Azeredo Perdigão, “*Calouste Gulbenkian conseguiu, vencidas tantas dificuldades e contingências, criar um parque-jardim em conformidade com a sua sensibilidade artística, isto é, como ele ambicionava, à sua maneira.*”⁵⁰ A minha recolção sobre a obra paisagística de Les Enclos é outra e parece-me que está longe de ter atingido o jardim sonhado na Normandia. Não me parece que se tenha concretizado o sonho nos Enclos⁵¹.

⁵⁰ Perdigão op cit, pag 90.

⁵¹ Em junho 1971 surge a ideia de uma doação de Les Enclos à Ville de Deauville, por intermédio de Maurice Druon, presidente da Académie Française, fiel residente de Deauville e futuro Ministro da Cultura (1973-1974). Michel d’Ornano, Presidente da Câmara de Deauville conhece Roberto Gulbenkian, o sobrinho de Calouste, administrador da Fundação que lhe faz visitar les Enclos. Em 1973 o parque é doado a Deauville e pode ser visitado no site <https://www.indeauville.fr/le-parc-calouste-gulbenkian>.

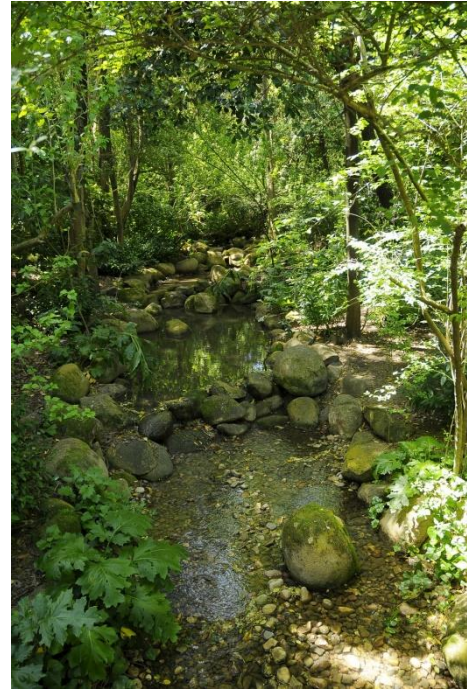


Fig. 14 — Les Enclos, Jardim *Mixed border* de herbáceas em 1953. A falta de perspectiva e trabalho de cor revelam falta de um arquiteto paisagista. FCG Arquivos Gulbenkian

Mas julgo que há um local em que este sonho de CG tomou forma em toda a sua expressão ecológica de celebração da natureza. Onde alguém assumiu o modernismo francamente e chamou paisagistas formados conhecedores da botânica da criação de vistas, onde um riacho saltita até à *piece d'eau*, onde há rãs e muitas aves, bosquetes e pilriteiros, clareiras bem desenhadas e atingiu-se o desejo de CG, “*mon grand désir est d’arriver à un ensemble de grande harmonie excluante toutes les petitesse trop fréquentes dans les jardins de style (...)*”

Claramente será em Lisboa, com o nome Jardim Gulbenkian (figs. 15 e 16), que sob a batuta de Azeredo Perdigão este jardim sonhado se concretizará; na vanguarda do modernismo, na década de 60, reconhecido representante europeu do século XX, este jardim, desenhado pelos Arquitetos paisagistas António Viana Barreto e Gonçalo

Ribeiro Teles, formados nos anos 50 pelo Prof. Caldeira Cabral, faz o sonho de Calouste Gulbenkian tomar forma uma década após a sua morte: é o projeto modernista que mais se aproxima do desejo de manter as linhas da Natureza. É um jardim de traçado ecológico, respeitando as formas do terreno, plantado com flora local e aberto em clareiras a vistas.



Figs. 5 e 6 — Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian, desenhado e construído por António Viana Barreto e Gonçalo Ribeiro Teles nos 10 anos que se seguiram à morte de Calouste Gulbenkian em 1955.

A frase de CG em que o jardim “*à ma façon*” foi o sonho que não conseguiu alcançar, parece confirmar-se. O que ele não soube nem imaginava é que um dia, um jardim com o seu nome iria surgir na sua cidade escolhida, e que em Lisboa um punhado de Portugueses liderados pelo Azeredo Perdigão lhe iriam transformar o sonho em verdadeiro jardim.

(Comunicação apresentada no Ciclo de Conferências Calouste Gulbenkian. Tributo da Academia das Ciências por ocasião do 150.º Aniversário do seu Nascimento a 22 de outubro de 2019)